

# humanitas

**Vol. XIII-XIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

## INTRODUÇÃO

A edição alexandrina *βροτάν ὁ οὐκ ἐμὸν, ἀλλὰ Ἀτός*. Uma deciação polêmica, esta d.o Cireneu, que exprime bem a face atormentada de uma época, disposta a encontrar, na reacção contra o academismo da poesia cíclica imperante, o caminho da sua própria expressão artística e humana. A crise do heróico, o aviltamento do divino, o apelo da realidade estão na base — com o zelo da perfeição técnica, a sugestão do verso, o gosto da palavra rara — da voga extraordinária de Hipónax no período heleenístico. A documentá-la bastariam as imitações evidentes de Herodas, as reminiscências temáticas e formais de Escríon, Cércidas e Fénix de Cólofon, o apreço de Calimaco (que o colocou, redivivo, à testa dos seus *Iambos*, como flagelador da estulta emulação entre homens de saber), as apropriações vocabulares de Licófron e Nicandro (senão também de Hédilo e Apolónio Ródio), os epítáfios de Teócrito, Alceu de Messénia, Leónidas Tarentino, Filipo de Tessalonica, os comentários exegéticos de Hermipo, Lisânias, Panfilo, Eufrónio, Heraclides, de outros ainda. Tanto afã — que não era, a rigor, inopinado, antes vinha prolongar a fortuna d.o iambógrafo entre os poetas da comédia antiga — cedo provocou, sem dúvida, com a multiplicação das cópias manuscritas e dos extractos antológicos, a necessidade de uma edição revista dos versos do Efésio. À diligência de Lisânias, filho de Escríon e discípulo de Eratóstenes, que teria florescido no século vi antes de Cristo, se deve provavelmente a organização da primeira colectânea <sup>1</sup>.

Como se apresentava o texto alexandrino dos *Ἰαμβοὶ* de Hipónax, de que procedem, mais ou menos remotamente, os nossos melhores testemunhos (em especial as citações de Ateneu e de alguns gramáticos e lexicógrafos) e as transcrições encontradas nos papiros? O confronto com a disposição provável dos *Iambos* de Calimaco, feita por

<sup>1</sup>Seguimos a opinião de KNOX, *Herodes, Cercidas and the Greek choliambic poets*, pp. XIV e XV, o qual formula, no entanto, uma conjectura apenas.

Masson<sup>2</sup> a partir das *διγηγηαεκ;*, e as referências, infelizmente escasas, de alguns eruditos antigos, permitem supor que era formado por dois livros — o primeiro em que se incluíam todas as composições em colíambos (com a mistura, típica em Hipónax, e imitada por Anânio, de alguns trímetros rectos), o segundo preenchido com poesias de metros variados (epodos; tetrámetros trocaicos escizontes, associados talvez, como em Anânio\* a eventuais tetrámetros trocaicos rectos; hexámetros paródicos; tetrámetros iâmbicos catalécticos; assinartetos; e, porventura, outros tipos de verso, enquadráveis ou não no campo dos *μέλη*).

Não oferece dúvidas a atribuição dos trímetros escizontes ao livro I, porquanto ela se fundamenta em nove indicações da tradição indirecta — cinco de Tzetzes (cf. fr. 8, 9, 10, 19, 26), uma do escoliasta dos *Theriaca* de Nicandro (36), duas de Querobosco (44, 52) e uma de Erotiano (33)<sup>3</sup> —, corroboradas por uma informação importante do erudito bizantino (Tzetzes, *Schol. in Lycophr.* 219 *και οΊππώναξ εντώι κατά Βονπάλου πρώτοι Ιάμβων* [fr. 9]; cf. também *Exeg. in Iliad.* 76.8 *και Ιππώναξ εν χόι κατά Βονπάλου Ιάμβωι\** [fr. 8]), segundo a qual esse livro era dirigido (em boa parte, que não exclusivamente<sup>4</sup>) contra Búpalo<sup>5</sup>. Não assim a arrumação do livro II, ao qual nos aparece referido um verso apenas, o fr. 112 *άκήρατον όδ την απαρτήην χει*<sup>6</sup>, que tanto pode ser um trímetro recto inserido entre colíambos (cf., por ex., fr. 75.17 *ο δ΄αντίκ ελθών ενν τριοιαι μάρτναν*) como um verso epódico do tipo *λαιμαι δε σοι το χειλοε* *coc ερωδιόν* (fr. 113.3). Vamos naturalmente pela segunda hipótese, pensando no exemplo dos

<sup>2</sup> *Les «épodes de Strasbourg»: Archiloque ou Hipponax? et quelques problèmes relatifs au texte d'Hipponax*, pp. 25-27. Anteriormente: GERHARD, art. *Hipponax*, coll. 1894-1898; e PERROTTA, *Il poeta degli epodi di Strasburgo*, p. 29.

<sup>3</sup> Excluimos, como é óbvio, as duas referências de Pólux ao livro I (cf. fr. 110 e 111), que respeitam, infelizmente, a glossas isoladas.

<sup>4</sup> Outras personagens eram alvejadas: nomeadamente o adivinho Cicon (fr. 8.1, 74.7, 97.17) e o pintor Mimnes (34.1).

<sup>5</sup> E também, claro está, contra a sua parceira Arete, nomeada apenas quatro vezes (fr. 17.2, 18.1, 21, 23.2), mas aludida decerto muitas outras (cf. fr. 15, 16, 19, 22, 25, 65.7-8, 73.1, 144-146, 160, e MEDEIROS, *O milhafre, a garça e o báratro nos fragmentos de Hipónax*, pp. 142-144 e n. 20); e contra o irmão do *θεοί αν εχβροε* (66.1, \*179).

<sup>6</sup> Citado por Pólux. Os *Anécdota Graeca* ed. BEKKER dão ainda, para o livro II, a glossa isolada *βλxoc* (fr. 152).

*Iambos* calimaqueus em que aos colíambos se sucedem os epodos <sup>7</sup>. Epodos formados por trímetro seguido de dimetro iâmbico — estabelecidos (fr. 113); epodos formados por trímetro iâmbico seguido de *hemiepes* — se forem de Hipónax os fragmentos \*181 e \*183. Que existissem outros sistemas, com o emprego de glicónicos hipercatalécticos ou trímetros iâmbicos catalécticos, versos que os metricistas por vezes apelidam de «hiponacteus» <sup>8</sup>, é uma hipótese verosímil, mas não demonstrada <sup>9</sup>. Nenhuma surpresa nos deve causar a presença de metros trocaicos (frr. 115-120) na colectânea dos \**Ἰαμβοί*: justamente observa Masson que, desde Arquíloco, eles deveriam ser tradicionais em livros d.o género, e que o próprio Calimaco se não eximiu à tradição <sup>10</sup>. A originalidade estava, ao invés, na introdução dos hexâmetros paródicos (frr. 121-123): se bem que germes de paródia existam já no próprio Homero, e certamente em Arquíloco <sup>11</sup>, não parece fácil recusar a Hipónax a prioridade que Polémon (ap. Aten. 15.698 b) lhe reconhecia <sup>12</sup>. Exemplo único de tetrâmetro iâmbico cataléctico é o fr. 124 *81 μοι γενοιτο παγδένος καλή τε και τέπεινα* que Masson considera início de poesia<sup>16</sup>, e que Diehl

<sup>7</sup> MASSON, *art. cit.*, pp. 17 e 27; e já FERROTTA, *art. cit.*, pp. 28-29.

<sup>8</sup> MASSON, *art. cit.*, pp. 17-18, onde menciona ainda outra hipótese (de ROSSBACH-WESTPHAL) : a de um tetrâmetro iâmbico cataléctico a acompanhar um trímetro cataléctico, como em uma composição de Asclepiades (*Anth. Pal.* 13.23).

<sup>9</sup> Consideramos anónimo, até pro va em contrário, o exemplo de glicónico hipercataléctico atribuído a Hipónax *καί κνκψ τινά Θυμῆεας* (fr. \* 80 Diehl-Beutler), que Heféstion (*Περὶ ἀντικπαικων* 10.2, p. 32 Consbruch) dá simplesmente como modelo de «eneassílabo sáfico ou *hiponacteus*» (*δίμετρον δε υπερκατάληκτον το καλούμενον Can<ρωδὼν εννεα<λλαβὼν ἢ ' Ἰππων ἀκτειον*). Mas em favor do poeta poderiam invocar-se dois argumentos, embora débeis: o emprego de *Θυμῆας*, voz corrente em iónico e atestada para um seu epígono, o comediógrafo Hermipo (fr. 8 Kock), e a presença de *κατά κνίεψ* no fr. 99.37.

<sup>10</sup> *Art. cit.*, p. 27.

H Cf. fr. 92 Lasserre-Bonnard, e o comentário de BONNARD, p. 30.

<sup>12</sup> A opinião de Aristóteles, que considerava Hegémon de Tasos o primeiro a escrever parodias literárias (*Poet.*, 1448 a. 12-15) parece explicar-se — segundo PIANKO, *II poema paródico d'Ipponatte*, pp. 255-260 — por ter sido aquele cómico do século V a. Cr. cultor «exclusivo» do género, ou até, como diz ROSTAGNI (*Poetica di Aristotele*, Torino, 1948, p. 11), o criador da palavra que passou a designá-los. De propósito evitamos falar do *M argites* e da *Batracomiomachia*, que comportam muitos problemas.

<sup>13</sup> *Art. cit.*, p. 27.

aproveitou para abrir uma secção de μέλη <sup>14</sup>. A existência de assinartetos, diversos embora dos conhecidos em Arquíloco, parece assegurada por dois exemplos de «reiziano» mais enóplio — os fr. 125 *ερέω γάρ ουτω' ' Κνλλήγηε Μαιάδοο 'Ερμη* e 126 *τονς ἄνῳγας τοντωνς ὀόόνη t πιαλλί ρειπαε* — que, a despeito da autoridade d.e Heliodoro (ap. Prise. *Metr. fabul. Terent, gramm., G.L.K. 3.426.10-16*), não é possível classificar de escazontes: representam antes, muito provavelmente, a primeira tentativa no género «meliambo» que Cércidas virá depois a cultivar com largueza <sup>15</sup>. O livro II de Hipónax documentaria, afinal, a *satura* de metros característica da poesia escóptica <sup>16</sup>.

Fontes Cento e oitenta e quatro fragmentos compreende  
do texto esta edição de Hipónax <sup>17</sup> — cento e trinta e um de  
tradição indirecta, cinquenta e três, isto é, menos  
de um terço, de tradição directa.

Do primeiro grupo <sup>18</sup> fazem parte citações recolhidas em léxicografos {*Anécdota Graeca* ed. Bekker, *Anécdota Oxoniensia* ed. Cramer, *Anécdota Parisina* ed. Cramer, Erotiano, *Etymologicum Gudianum*, *Etymologicum Magnum*, *Etymologicum Vaticanum*, Eudócia, Fócio, Harpocrátion, Hesíquio, Oríon, Pólux, *Suida*, Zonaras), gramáticos

<sup>14</sup> Preenchida, afinal, com este fragmento e com o número \*80, a que acima nos referimos (n. 9).

<sup>15</sup> Devemos a GENTILI e a PONTANI a interpretação métrica dos dois fragmentos; PONTANI, que descobriu esta interessante afinidade com os meliambos de Cércidas (carta de 26-3-1961), observa, com razão, que o fr. 125 de Hipónax é métricamente idêntico ao fr. 3.5 *φύλα ακιόθρεπτ' ἀ/κῆ\ριοε εγγεάμωροα* de Cércidas.

Mais obscuro o caso dos fr. 127 e 128, em que alguns estudiosos reconhecem colíambos normais (a integrar), outros vêem exemplos de μέλη.

<sup>16</sup> À diferença de metros não correspondia necessariamente uma diferença de assunto: as invectivas contra Búpalo (ou contra Arete) estão documentadas — verosimilmente pelo menos — para os colíambos, os epodos, os tetrámetros trocaicos e os hexámetros dactílicos; e o escazonte que servia à sátira servia também à gnómica e à «colofonia».

<sup>17</sup> Incluídos os últimos seis fragmentos (\* 1 7 9 1 8 4 \* - ), de duvidosa — se bem que provável — atribuição.

<sup>18</sup> Para muitos destes fragmentos (cerca de um quarto do total) existem dois, três ou quatro testemunhos, integrais ou parciais, do mesmo (cf., por exemplo, fr. 5, 8, 34, 60, 115) ou de diferentes autores (cf., por exemplo, fr. 18, 47, 48, 56, 116, 117, 118, 142, 144-146).

e metricistas (Anónimo da *Cornucopia*, Arcádio, Favorino, Heféstion, Herodiano, João Alexandrino, Plócio, Prisciano, Pseudo-Herodiano, Querobosco), filósofos, geógrafos e historiadores (Estrabão, Plutarco, Sexto Empírico), eruditos e comentadores (Ateneu, Diógenes Laércio, Escoliastas da *Antologia Palatina*, de Apolónio Ródio, de Aristófanes, de Heféstion, de Homero, de Nicandro, de Olimpodoro, de Platão, Eustátio, João Siceliota, Suetonio, Tzetzes) e até médicos (Galeno) <sup>19</sup>. Lexicógrafos e gramáticos dão, em conjunto, o contributo mais avultado (e, até certo ponto, mais fidedigno): se bem que, no caso dos primeiros, muitas vezes reduzido a glossas isoladas. Mas pobre e insignificativo seria o nosso conhecimento de Hipónax, se não dispuséssemos dos setenta e dois versos <sup>20</sup> citados por Tzetzes — os quais representam, por si só, pouco menos de metade dos versos íntegros que nos restam do iambógrafo efésio <sup>21</sup>. Knox escreveu um violento libelo contra as citações do Bizantino, acusando-o de fundir, transpor, parafrasear versos, introduzir no texto glosas e parênteses, transcrever Hipónax a partir de velhos escólios de Licófron ou pura e simplesmente *εκ crrjdovc* <sup>22</sup> : mas nos raros casos em que nos foi possível conferir a lição de Tzetzes com o texto mutilado dos papiros, não vimos motivo para tanto pessimismo. E Ramsay chegou a sustentar, pelo exame de glossas lídias, que o erudito bizantino estava na posse de um manuscrito de Hipónax mais correcto que o utilizado, através de Panfilo, Zopxrión e Dioge-

<sup>19</sup> A nossa classificação tem, evidentemente, algo de convencional: KNOX, em urna tentativa muito sumária, e descuidada, do seu *The first Greek anthologist with notes on some choliambic fragments*, p. 18, inseria Ateneu, e até Estrabão, no rol dos lexicógrafos — o que é, pelo menos, muito discutível.

De tradição indirecta se tem de considerar o fr. 62, que, embora achado em um óstracon do séc. m (Berol. 12605.9-10, publicado por WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, *Dichterfragmente aus der Kgl. Museen*, «Sitz. d. preuss. Ak. d. Wiss.», 1918, pp. 739-742), servia de glosa a um passo homérico (¿ 311).

<sup>20</sup> Em trinta e quatro fragmentos, vinte e nove dos quais lhe são devidos por inteiro (1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 49, 60, 163, 171), e cinco na parte em que integram textos papiráceos, fortemente lacunosos (64.10-11, 65.7-8, 68.5-7, 75.17-20, 90.15). Dos setenta e dois versos transcritos por Tzetzes apenas dois (8.2, corrupto ; e 65.8) estão incompletos (ao segundo faltam somente duas sílabas).

<sup>21</sup> Cento e cinquenta e três, excluindo rigorosamente todos os versos de suplemento não óbvio.

<sup>22</sup> KNOX, *Herodes, Cércidas cit.*, pp. 7-10.

niano, por Hesíquio <sup>25</sup>, importante também, pelo número e qualidade das transcrições (por vezes indirectas, mas tomadas, em geral, de boas fontes), o contributo de Ateneu, a quem devemos porventura o fragmento (íntegro) mais extenso de Hipónax <sup>24</sup> — se for lícito, como parece, unir os números 39 e 40. Já a colaboração de Eustácio é, por assim dizer, delusoria : o arcebispo tessalonicense cita quase sempre em segunda mão <sup>25</sup>, aproveitando textos de Arcádio, Ateneu, Eliano, Estrabão, Favorino, Suetónio, *Suida*, Zonaras.

Ao segundo grupo pertencem os fragmentos procedentes de papiros de Oxirrinco (63-109, 113-114 e 131), todos do século 11 ou princípios do in, publicados, os números 63 e 64 em 1928 por COPPOLA<sup>26</sup>, os restantes em 1941 (aditamentos em 1948) e 1954 por LOBEL<sup>27</sup>; exceptua-se o número 131, que foi editado em 1950 por SCHUBART, com anotações de SNELL <sup>28</sup>. De origem papirácea são também os famigerados epodos de Estrasburgo (\*181-<sup>\*</sup> 183), descobertos em um rolo do século 11 e publicados em 1899 por REITZENSTEIN<sup>29</sup>. Exceptuando os argentoratenses, de atribuição duvidosa, nenhum destes fragmentos nos revelou — tão deplorável é o seu estado de mutilação — um único verso completo

<sup>23</sup> RAMSAY, *Asiatic elements in Greek civilisation*, pp. 141-143.

<sup>24</sup> Além dos fr. 16, 17, 41, 58, 128, 134, 148, 175, 176, e de contribuições para os textos papiráceos (97.9, 99.21-22, 47-49): ao todo mais de vinte versos, cinco dos quais incompletos.

<sup>25</sup> Assim: fr. 16 (Ateneu), 41 (Ateneu), 55 (Suetónio), 58 (Ateneu), 118 (Estrabão), 123 (Suetónio), 133 (Eliano), 135 (Favorino), 144-146 (cf. Arcádio, Suetónio, *Suida*, Zonaras), 156 (Suetónio), 168 (Suetónio), 174 (Suetónio). Em três casos, porém — fr. 55, 123, 133 —, o texto de Eustácio é mais completo que o da sua fonte: o que não basta, vistos os precedentes, para provar o acesso directo aos \**Ἰαυβοῖ* hiponacteus.

<sup>26</sup> *Un nuovo frammento dei Giambi di Ipponatte*, pp. 500-506. O texto de Hipónax foi depois republicado, sem comentário, nos *Papiri greci e latini* della Società Italiana, 9 (Firenze, 1928-1929), número 1089, p. 136.

<sup>27</sup> *The Oxyrhynchus Papyri* 18 (LOBEL-ROBERTS-WEGENER), London, 1941, números 2174 e 2175, pp. 67-97, e 184-185 (adenda); 19 (LOBEL-ROBERTS-WEGENER-BÉLL), London, 1948, pp. 150-154 (adenda); e 22 (LOBEL-ROBERTS), London, 1954, número 2323, pp. 64-65. Sobre as probabilidades de atribuição a Hipónax de outros papiros de Oxirrinco, v. GALLIANO, *La lírica griega a la luz de los descubrimientos papirológicos*, p. 88, e cf. LASSERRE, *Archiloque — Fragments*, Paris, 1958, p. XC.

<sup>28</sup> *Griechische literarische Papyri*, Berlin, 1950, número 10, pp. 26-28.

<sup>29</sup> *Zwei neue Fragmente des Epoden des Archilochos*, pp. 857-864. Releitura de SCHWARTZ, estabelecimento do texto, interpretação e problemas de atribuição por MASSON, no artigo deste último, *Encore les épodes de Strasbourg*, pp. 427-442.

em mais de quatrocentos de que ficaram vestígios <sup>30</sup>. À tradição indirecta se devem os que nesses fragmentos figuram por inteiro <sup>31</sup>.

Fragmentos De Bergk a Adrados, o enriquecimento das espúrios edições de Hipónax tem sido compensado pela exclusão de numerosos fragmentos reconhecidos como apócrifos. A despeito de alguns exageros e vícios de método, o esforço de Knox foi, neste campo, altamente meritório: e quer-nos parecer que tanto Diehl como Adrados teriam ganhado em aproveitar mais extensamente da introdução que o filólogo inglês escreveu para a sua edição do Efésio <sup>32</sup>. Não basta, de facto, eliminar os fragmentos transmitidos por Heféstion e Plócio Sacerdote sob a designação enganosa de *hiponacteus* (44 Bergk = 65 Diehl-Beutler; 92 Bgk. = 80 D.-B.; 89, 91, 93, 94 Bgk.), alguns dos quais se sabe hoje terem sido forjados pelo metricista latino <sup>33</sup> : importa renunciar também a todos os fragmentos de Hipónax citados por Estobeu (28 Bgk. = 62 D.-B., 64 Adr.; 29 Bgk. = 1 chol. adesp. D.-B., 68 Adr.; 72 Bgk. = 81 D.-B.); banir, até prova em contrário, os fragmentos 13.1 Bgk. (1.1 Diehl<sup>2</sup> e Adr.) e 5.3 D.-B. (46.3 Knox, 18 Adr.)<sup>34</sup>; e relegar para uma secção de *dubia*

<sup>30</sup> Contámos quatrocentos e cinquenta e um: mas o número é com certeza inferior, porquanto o próprio LOBEL entrevê a possibilidade de ajustamento de alguns *frustula* (cf., por exemplo, os frr. 68, 76, 79, 81).

<sup>31</sup> Dezoito apenas: onze citados por Tzetzes (64.10-11, 65.7, 68.5-7, 75.17-20, 90.15), quatro por Ateneu (97.9, 99.47-49), um por Heféstion e o seu escoliasta (80.17), um pelo escoliasta dos *Theriaca* de Nicandro (113.5), um pelo *Etymologicum Florentinum* (75.9).

<sup>32</sup> *Ob. cit.*, pp. 2-13.

<sup>33</sup> BÜCHLER, *Coniectanea*, p. 337 : «Liber de metris quem Marius Plotius Sacerdos composuit Romae docens .... Graecos uersus multos exhibet sumptos ab Iuba et «Graecis nobilibus metricis», partim ex uetustis decerptos carminibus, partim fictos in usum metricae disciplinae.» Cf. ADRADOS, *Líricos griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos*, II, pp. 21-22.

<sup>34</sup> Se nalguns casos, como se vê, vamos mais longe que o próprio KNOX, em outros preferimos guardar maior reserva: assim, damos como autêntico o fr. 90 Bgk. (79 D.-B., 119 Adr., 124 M.) — que Heféstion considera «*de Hipónax*» e não «*hiponacteu*» (*Enchir.* 5.3, p. 16 Consbruch *τετράμετρον ἄξ ολον το 'Ι π π όν ακτο ε'* [fr. 124]; e como dúbios os frr. 13.2 Bgk. (1.2 Diehl<sup>2</sup> [1 D.-B.] e Adr., \*179 M.) e 78 Bgk. (72 D.-B., 122 Adr., \*184 M.), que aparecem citados sem nome de autor. Os papiros de Oxirrinco se encarregaram de mostrar, por seu turno, que eram realmente de

os fragmentos 13.2 Bgk. (1.2 Diehl<sup>2</sup> [1 D.-B.] e Adr., \*179 M.), 61 Bgk. (64 D.-B., 74 Kn., 29 Adr., \*180 M.) e 78 Bgk. (72 D.-B., 122 Adr., \*184 M.), bem como os famosos epodos de Estrasburgo ([Arquíloco] 79 ab-80 D.-B., Hipónax 115-117 Adr., \*181-\*183 M.).

Estobeu não merece, no tocante a Hipónax, o crédito que Diehl e Adrados persistem em lhe atribuir. O fr. 72 Bgk. (81 D.-B.) — urna abstracta predicação sobre o perfeito matrimónio <sup>65</sup>, escrita, com derrogações sucessivas das «leis» de Knox<sup>36</sup>, em trímetros iâmbicos *κατά ἀχίχον* de que não há exemplos no poeta — é unânimemente rejeitado por todos os estudiosos: já Meineke e Bergk sugeriram Hipotóon, POHLENZ mais vagamente um autor da comédia nova; só a inércia explica que, mesmo entre colchetes, este número figure ainda na cauda dos fragmentos de Hipónax, e não entre os *choliambica adespota*, na última edição (Leipzig, 1952), revista por Beutler, da *Anthologia lyrica Graeca*. Indigno de aceitação é também o insulso fr. 28 Bgk. (62 D.-B., 64 Adr.) *ΧΡΟΪνοc δὲ φενγέτο* *c8 μηδε 8lc ἀγγός*, que o paremiógrafo Apostólio atribui, decerto por lapso (o Macedónio é muito provávelmente a sua fonte), a um obscuro Demónax; de resto, o nome de Hipónax falta no códice A do *Florilégio* de Estobeu. Meineke e Crusius preferiam dar 0 verso a Herodas, Knox a Cércidas, Sitzler a um poeta cómico : hiatos do tipo de *μηδε 8lc* aparecem realmente em Herodas (1.43,45,48, 73), mas estilo e conteúdo melhor se ajustam a um colíambógrafo moralista da escola de Fénix. Que pensar, enfim, do dístico famoso (fr. 29 Bgk. = 1 chol. adesp. D.-B., 68 Adr.)

*ὄν<sup>5</sup> ἡμεραι γυναικόε 8iclv ἡδιαχαι,  
OXCLV γαμήι Χic κακφέρψ χεθνηκνῖαν*

citado também, como o verso anterior, por Estobeu e por Apostólio? O fragmento reapareceu numa antologia de poesias sobre as mulheres, encontrada no papiro berlinense 9773 e publicada em 1907 por SCHUBART

Hipónax os frr. 11 Bgk. (13 D.-B., 95.15 Adr., 90.15 M.) e 48 Bgk. (VI. 17 D.-B., 84.17 Adr., 80.17 M.), injustamente excluídos pelo filólogo inglês.

<sup>35</sup> Em contraste, por sinal, com a opinião negativista do poeta do fr. 29 Bgk. (1 chol. adesp. D.-B., 68 Adr.): «dois dias oferece a mulher deliciosos — o dia das núpcias, e o dia do enterro...».

<sup>36</sup> *The early iambus*, pp. 19-20.

e WILAMOWITZ<sup>37</sup>. Do lema subsistem apenas os seguintes vestígios: [...] λν/. .]c ([...] αν/. .]c ou [...] av[...c KNOX<sup>38</sup>). DIEHL propõe *Av|ct|c*, KNOX sugere *[rfjc] αύ[τfi]c* ou *[τfjc] av|το|ν*; SCHUBART e WILAMOWITZ não formulam qualquer hipótese, mas consideram «muito duvidosa» a atribuição a Hipónax<sup>39</sup>. Recentemente ADRADOS voltou a aceitar o testemunho de Estobeu, alegando que «se tem de admitir como certa a existência de γνόμεαι ou máximas» no poeta efésio; e que um fragmento como o 39 (40<sup>-</sup>), repassado «do mesmo tom de preleção», «não dá azo a suspeita alguma»<sup>40</sup>. Embora pouco sensível<sup>41</sup>, e contestada por alguns autores — KNOX, por exemplo, e a propósito exactamente do fr. 39<sup>42</sup> —, a presença, em Hipónax, de parábolas moralizadoras e ditos proverbiais (mais ou menos burlescos) parece um facto: mas não chega para garantir a genuinidade de uma atribuição procedente de fonte insegura<sup>43</sup>. O fragmento antifeminista tem um sabor epigramático que mais se compadece, a nosso ver, com a sua redacção no tempo de Menandro ou ainda posteriormente<sup>44</sup>.

<sup>37</sup> *Lyrische und dramatische Fragmente*. Berliner Klassikertexte: 5.2 (Berlin, 1907), p. 130.

<sup>38</sup> *Herodes, Cércidas* cit., pp. 6-7. Mas, para os editores, λν era «quase seguro» {*ob. cit.*, p. 130}.

<sup>39</sup> *Ob. cit.*, p. 130.

<sup>40</sup> *Líricos griegos* cit., pp. 17 e 22.

<sup>41</sup> Citaremos, com as reservas que impõe a perda do contexto, os frr. 52, 56, 60 e 127. Mais persuasivo o confronto com Arquíloco e os *Iambos* de Calímaco.

<sup>42</sup> *Ob. cit.*, p. 262: «The evidence for attributing this fragment to Hipponax appears faulty .... Against this we have .... (b) *the moral tone* ....» [nosso o itálico]. PERROTTA dissentia, aliás, da opinião de KNOX {*II poeta degli epodi* cit., p. 17 n. 2}: e cremos que com razão.

<sup>43</sup> A insegurança de Estobeu patenteia-se ainda no caso do fr. 6 D.-B. de Fénix, que Ateneu (11.415 de) dá rectamente ao Colofónio, e o antologista ao Efésio. De estranhar que, neste caso, KNOX advogasse, sem razões convincentes, a autoria hiponactéia {*ob. cit.*, pp. 52-53}: Ateneu cita os frr. 5 e 6 de Fénix *depois de transcrever outros dois de Hipónax*; é sabido que o moralista cínico aproveita vários termos e expressões do iambógrafo antigo (v. a n. 50), e não apenas *λέκκα πυρών* (pelo que *τάργανον* — um lidismo, segundo Hesíquio — será provavelmente, como *πελλά*, tomado de Hipónax); o rigor da estrutura métrica não basta para negar estes três versos ao Colofónio; o fragmento é menos «concentrado» do que parece a KNOX, e o barroquismo da imagem final sugere, de preferência, um autor helenístico.

<sup>44</sup> Alexandrino o considerava GERHARD, *Phoinix von Colophon*, pp. 289-290: mas cf. Com. fr. adesp. p. 124 Kock *γυναίκα θάπτειν κρείττον ἐcriv ή γαμεῖν*. Lamentamos que SOYTER, em uma antologia bilingue publicada recentemente, *Griechischer Humor von Homers Zeiten bis heute. Kulturgeschitliche interessante*

Concordam Schneider, Crusius, Pfeiffer, Knox e Beutler em recusar a Hipónax o verso *ἀχονσαΟ' Τηπώννακτοε* " *ον γάρ άλλ'ηκω* (fr. 13.1 Bgk., 1.1 Diehl<sup>2</sup> e Adr.), que coincide com o inicial dos *Iambos* de Calimaco (fr. 191.1 Pfeiffer), e ao *doctus poeta* deve realmente pertencer. Nem Plócio (*G.L.K.* 6.522.15) nem Rufino (ibid. 6.562.20) — um e outro baseados em Juba — indicam o autor deste coliambo: mas tanto o escoliasta de Aristófanes (*Nub.* 232, *Ran.* 58) como a *Suida* o atribuem explicitamente a Calimaco. Objecta-se<sup>45</sup> que Calimaco pode ter querido aproveitar, para primeiro verso da sua colectânea, o primeiro verso dos *Ἰαμβοί* hiponacteus: modo, aliás, de exprimir a sua dependência — métrica, que não das *res* nem do *animus* <sup>46</sup> — do poeta efésio; e que a presença, neste verso, do nome de Hipónax, vale, por assim dizer, atento o vezo do iambógrafo de se nomear *in extenso* (cf. fr. 2.2, 4.1, 5.1, 54, 75.9), como uma espécie de *Εψραγκ*. A estes argumentos podemos contrapor que em todas as composições de Calimaco não há, segundo Pfeiffer, um único verso transcrito de outros poetas; que a homenagem ideal à metria do Efésio está, melhor que em um simples verso supostamente trasladado, em todo o iambo I — a prosopopeia de um Hipónax ressurrecto do Hades para debelar vaidades de literatos<sup>47</sup>; que a menção do nome do poeta, além de vantajosa para a imediata identificação da personagem arengante, será em Calimaco um expediente para imitar o estilo do iambógrafo (como, pouco depois, no mesmo iambo, recorrerá também à multiplicação dos parênteses para sugerir outro vezo hiponacteu <sup>48</sup>).

*texte aus drei Jahrtausenden* (Berlin, 1959), transcrevesse e traduzisse, como única amostra do «humorismo» hiponacteu, este fragmento apócrifo — quando tão fácil lhe seria preferir, por exemplo, o fr. 2.

<sup>45</sup> São mais numerosos, embora não todos igualmente convictos, os partidários da autoria hiponacteia: BERGK, MEINEKE, GERHARD, DIEHL, CAHEN, MASSON, ADRADOS. Singular a atitude de DIEHL, que dava a Hipónax um verso de Calimaco, e lhe negava o fr. 55, por coincidir com Herodas 5.74-75, quando a atribuição ao Efésio era garantida por Suetónio (*Περί βλ^φημιών*, ap. *Mélanges* Miller, pp. 425-426) e Eustátio (725.39 e 1542.50), e pela certeza de que Herodas, ao invés de Calimaco, é um imitador, não raro pedissequo, de Hipónax!

<sup>46</sup> PERROTTA, *Il poeta degli epodi* cit., pp. 18-19.

<sup>47</sup> A propósito desta ressurreição, observa justamente PFEIFFER no aparato crítico do fragmento citado (p. 161): «Non Hipponax, sed Callimachus ad exemplum comoediae Atticae (unde *ον γάρ άλλά*, v. etiam Headlam-Knox ad Herod. 6.101) παρατραγωιδει: cf. Eur. *Hec.* 1 sq. *ηκω νεκρών κενθιμόνα και εκότου πλια^λιών, ἦν "Αιδηε* κτλ. (Polydori umbra), u. e. g. ad fr. 194, 6.24.39.»

<sup>48</sup> KNOX, *On editing Hipponax: a palinode?*, p. 196; e PERROTTA, *Ancora a gli epodi di Strasburgo*, p. 187.

Convém observar, por último — é de KNOX este reparo <sup>49</sup> —, que o verso encerra um aticismo, *ον γάρ αλλά*, corrente já no tempo de Calímaco e dos colíambógrafos alexandrinos, mas desconhecido ainda, segundo parece, quando escrevia Hipónax <sup>50</sup>.

A linguagem particular da glosa de Hesíquio *Κίκων' 6 Κίκων 5 Αμν-Οάονος ήν, ονδὲν αἶε !ον προθεσιζών*, em que as três palavras finais reproduzem a segunda metade de um colíambo, levou alguns estudiosos (BRINK, HARTUNG, DIEHL, KNOX, MASSON, ADRADOS) a supor que o lexicógrafo, ou a sua fonte, fizessem, para melhor caracterização da personagem, uma citação textual de Hipónax<sup>51</sup>. A conjectura, não sendo claramente de enjear, é indemonstrável : e tanto bastaria para que, em uma edição crítica, só devesse figurar, com todas as reservas, no aparato <sup>52</sup>. O mais provável será que Hesíquio utilizasse uma anotação de escoliasta cândido e pretensioso, o qual, se, por um lado, acreditava na mítico-burlesca filiação de Cícon, por outro se comprazia em parafrasear, no mesmo tom grandiloquente, o homerismo *αμμοροα* do texto hiponacteu <sup>53</sup>.

<sup>49</sup> *Herodes, Cércidas* cit., p. 3; e cf. supra, n. 47.

<sup>50</sup> Ao argumento, no entanto, sabidas as graves lacunas da nossa documentação, não pode atribuir-se muito valor. Herodas tem dois exemplos de *ον γάρ αλλά* (6.101 e 7.56), e o fr. 3.13-16 D.-B. de Fênix levanta algumas dificuldades:

*ἀκονοον εἶτ Ἀσθέριος εἶτε καί Μῆδος  
εις. ή Κοραζος ή ἀπο των ανο λιμνών  
<C>ινδός κομήτης. \* ον γάρ αλλά κηρύσσω\*  
'εγώ Νίνος....*

Como *Κοραζός* e *Κινδός* são reminiscências hiponacteias (fr. 19 e 20), é lícito perguntar se *ακονοον* e *ον γάρ αλλά κηρύσσω* não seriam igualmente inspirados pelo original do Efésio. Ou Fênix «contamina» Hipónax com Calímaco ? KNOX, *Herodes, Cércidas* cit., p. 3, sugeria que a imitação fosse de Calímaco; PFEIFFER (10c. cit., p. 161) entende que o *doctus poeta* é o imitado. — Cf. também Hermias Curita 1.1 D.-B. *ἀκούσατ, ώ Οτάκες, έμποροι λήρον...*

<sup>51</sup> HARTUNG, *Babrius und die älteren Jambendichter*, fr. 9, chegou ao extremo de «reconstituir» o verso imaginário, introduzindo *5Αμνθάονος παις* no início, e suprimindo *ονδὲν* por exceder a medida!

<sup>52</sup> Assim procede Bergk (*P.L.G.*, fr. 2), o qual era, aliás, desfavorável à aceitação do passo colíambico.

<sup>53</sup> Não concordamos, porém, com a opinião de LATTE (*De Hipponactis epodo*, p. 43), quando nega a atribuição ao Efésio por considerar *αισιος* e *προθεσιζών* «uerba imperatorum aetati satis consueta»: *αισιος* aparece uma vez em Homero (*Ω* 376), depois em Píndaro e nos três trágicos, e ainda em Xenofonte; de *προθεσιζών*, como já observou MASSON, *Sur un papyrus contenant des fragments d'Hipponax*, p. 310,

Fragmentos Até aqui os fragmentos que, em boa consciência, de atribuição nos parecem abusivamente introduzidos na edição duvidosa dos *Ἰαμβοί*<sup>5\*</sup>, e a crítica das últimas décadas não conseguiu desterrar. Menos rigoroso terá de ser o nosso juízo sobre um grupo de cinco fragmentos reunidos no fim deste volume e classificados provisoriamente como *dubia*.

O primeiro (13.2 Bgk., 1.2 Diehl<sup>2</sup> [1 D.-B.] e Adr., \*179 M.), *ὦ Κλαζομένιοι, Βονναχός* <τε> *καθηγκ* costuma vir associado, com ou sem solução de continuidade<sup>55</sup>, ao fragmento *ἀχοναθ<sup>5</sup> Ἰππώνακχοζ' ον γάρ ἀλλ<sup>5</sup> ἦκω* de que tratámos acima: e como ele carece de atribuição nas fontes que no-lo conservaram (Plócio, *G.L.K.* 6.522.15; e Rufino, *ibid.* 6.562.20: um e outro a partir de Juba)<sup>50</sup>. Mas não seria legítimo, neste caso, conceder o verso a Calimaco<sup>57</sup> — porquanto nenhuma outra fonte lho atribui e, conhecidas como são as *ὄκριρjεστε* dos seus iampos, não se vê onde inserir uma invocação aos Clazoménios e a referência a Búpalo<sup>58</sup> e Aténis. Tudo estará certo, porém, se o fragmento for de Hipónax: é sabido que o poeta, banido de Éfeso pelos tiranos Comas e

há um exemplo em Esquilo (*Prom.*, 211). Não é argumento decisivo, por isso, o facto de estarem mais divulgados na idade imperial: os empregos de *ατcioc* pelo historiógrafo Timeu, no século 1v<sup>m</sup> a.Cr., e por Nicandro, no século 11 a.Cr., mostram que a palavra nunca foi esquecida na linguagem culta; o mesmo terá acontecido com *προθε<sup>α</sup>ίζων*, voz que é, todavia, mais rara, e bem pode ter sido um neologismo de Esquilo.

MASSON duvida que *ονδὲν ατciον ηροθεαπιζων* seja «apenas» uma paráfrase de *αμμοροε κανηε* «devia caracterizar a personagem por alusão a circunstâncias que ignoramos» (*art. e loc. cit.*). Mas um facto não exclui o outro: para melhor explicar o termo raro *αμμοροε*, o parafraseador recorreu ao conhecimento que tinha do contexto.

<sup>54</sup> Referimo-nos, em particular, às colectâneas mais recentes — de BERGK<sup>4</sup>, HILLER-CRUSIUS, DIEHL, KNOX e ADRADOS. Na edição do filólogo inglês são atribuídos a Hipónax, sem justificação plausível, os frs. 361 Nauck de Ésquilo (sob o número 58), 6 D.-B. de Fénix (76: v. a nota 43), 3 D.-B. de Anânio (87).

<sup>55</sup> Em BERGK e em DIEHL<sup>2</sup>, os dois versos, embora arrumados sob o mesmo número, têm a separá-los uma linha indicativa de lacuna. ADRADOS, ao invés, dá-os seguidos: e como tais os traduz.

<sup>56</sup> Plócio Sacerdote transcreve primeiro o verso *ἀχοναθ<sup>5</sup> Ἰππώνακτοζ....*; Rufino adopta a ordem contrária.

<sup>57</sup> Como propôs KNOX, *Herodes, Cércidas* cit., p. 3.

<sup>58</sup> É meramente proverbial, no iambo I de Calimaco (fr. 191.3-4 Pf.), a alusão à *μάχη Βονπάλειοε*.

Atenágoras, se refugiou em Clazomenas <sup>59</sup> ; e nada mais natural que tenha procurado *urbi et orbi* responsabilizar os inimigos pela desdita de que fora vítima e votá-los à execração popular pela denúncia de outros crimes. Durante muito tempo se duvidou que Aténis fosse, como Búpalo, alvo dos ataques do iambógrafo <sup>60</sup> : o aparecimento recente do vocativo *ωθμη* em um fragmento papiráceo (Oxyrh. Pap. 2174.1.11 = 66.1) desfez, no entanto, as últimas hesitações. A possibilidade de uma contrafacção de Plócio Sacerdote parece, nestas circunstâncias, de excluir: julgamos, por isso, que, com algumas reservas, o fragmento deve ser conservado nas edições de Hipónax<sup>61</sup>.

SCHNE<sub>1</sub>DEWIN foi o responsável pela atribuição do fr. 61 Bgk. (64 D.-B., 74 Kn., 29 Adr., \*180 M.) ao Efésio: o escoliasta B de Homero, que o cita (/ 539), dá-o apenas como da autoria «de um dos iambógrafos antigos». Porque de colíambos se trata, logo se põe, com muita probabilidade, a candidatura de Hipónax: ainda que, em teoria, o nome de Anânio, seu contemporâneo e imitador, pudesse convir também <sup>62</sup>. A matéria do fragmento — um picaresco assalto ao cair da noite (cf. Hero-

<sup>59</sup> *Suida*, s. u. Ἰππώναξ? ...ὥικ'ε δε Κλαζομενάς υπό τῶν τυράννων

<sup>9</sup> Ἀθηναγόρα καί Κόμα ἐξελαθεία.

<sup>60</sup> Ao testemunho explícito da *Suida* (loc. cit.: γράφει δε προα Βονπαλον καί Ἀθηνιν ἀγαλαματοποιον... ) e à significativa menção de Ovidio (*Ibis*, 523-524 *utque parum stabili qui carmine laesit Athenin / inuisus pereas deficiente cibo*) opunham alguns autores (por exemplo TERZAGHI, *L'odio di Ipponatte ed il I epodo di Strasburgo*, pp. 231-2 3 2 - ; V. a crítica de CANTARELLA, *Gli epodi di Strasburgo*, pp. 62-65 n.) a aparente ausência do nome de Aténis nos fragmentos de Hipónax: BERGK, de facto, que rectamente interpretara como *καθηγκ*, no fr. 13.2 dos *Poetae lyrici Graeci*, as formas *κατεινε*, *καθηνε* dos manuscritos de Plócio, inclinou-se depois (P.L.G.<sup>4</sup>), sugestionado por *κατεκτεινεν*, *κατεκτευνεν* dos códices de Rufino, para um arbitrário *κατήκχωνε*, que partilhou, com o *κατεκτεινεν* de HOFFMANN, SCHMID e TERZAGHI, da aceitação mais geral entre os estudiosos.

<sup>61</sup> PUTSCH suspeitara, na sua edição de Plócio, que este verso fosse uma simples variante de *coe 01 μεν ἀγει Βονπάλοι καθηρόντο* (fr. 90.15): e tanto bastou para que Knox, sensível como era, por demais, à perspectiva de transmutações deste tipo, acabasse por apartar do texto de Hipónax os dois fragmentos. Não cremos que seriamente se possa sustentar a transformação de *coe 01 μεν ἀγει...* em *c5 Κλαζομένιοι...*; e nenhuma dúvida recai hoje sobre a autoria daquele fragmento, que, embora mutilado, reapareceu no Oxyrh. Pap. 2174.27.15.

<sup>62</sup> BERGK lembrou também, de passagem, o nome de Xenófanes, citado logo a seguir (se é lícito emendar *Ξενοφών τα* em *Ξενοφάνην*) pelo mesmo escoliasta. Sabemos que o filósofo foi autor de *ἄλλοι*: ignoramos, no entanto, se escreveu colíambos.

das, 2.13-14<sup>63</sup>)—está perfeitamente de acordo com o mundo de *λωποδνται* e *πονηροί* que Hipónax frequentou e descreveu; o molde é aproximável, sem esforço, do utilizado no fr. 65.6-7 (*τον Qeolc<1v> εχθρόν τοντον: άνήρ δδ(ε); κατ ένδον cy/(: I : κατενδοντα 1 ; τον βρν^ον: χλοννην);* e *απ' ών εδνσε*, no início do verso, lembra *ών εδεχρατ^ο*), também princípio de verso no fr. 74.16 (notar a «tmese» num e noutro caso). Difícil acreditar que tudo seja obra do acaso.

Três fontes antigas (Heféstion, Escoliasta B de Heféstion, João Siceliotota) nos dão o tetrâmetro escazonte<sup>64</sup> *Μητροτίμωι δηϋτέ με χρή τώι Εκότωι δικάζεεθαι* (fr. 78 Bgk., 72 D.-B., 122 Adr., \*184 M.); nenhuma indica o nome do autor. Meineke designou Hipónax: e, de facto, se atendermos ao metro, a discussão apenas se circunscreve, como no caso anterior, ao Efésio e a Ananio. Mas a verosimilhança da atribuição de Meineke pode ser reforçada com dois argumentos: na acepção de 'gabiru, velhaco, safardana' <sup>65</sup>, a *voζτό c^o'roc* apenas se encontra atestada neste verso e no fr. 75.18 de Hipónax — que alude também, por sinal, a uma diligência de carácter «judiciário»; *Μητρότιμοε* é certamente um «nome falante», formado talvez pelo modelo de *μητροκοίτηε* do fr. 23.2 para indicar a mesma lúrida personagem — Búpalo <sup>66</sup>. Entre os fragmentos duvidosos de Hipónax, este é dos que nos parecem reunir maiores condições de genuinidade <sup>67</sup>.

<sup>63</sup> A aproximação é de HERZOG, em crítica a edições de Herodas (HEADLAM-KNOX, GROENEBOOM, TERZAGHI), «Philol. Woch.», 46 (1926), col. 202, onde se tenta a «reconstituição» dos dois colíambos mutilados.

No seu recente trabalho *La metrica greca*, pp. 307-308, DEL GRANDE discorda desta designação tradicional.

<sup>65</sup> Inexacta, a nosso ver, a tradução 'the mystery-man' (= *ο xορεϊνός*) de LIDDELL-SCOTT. BAILLY dá, neste caso, a interpretação correcta: 'coquin, filou (litt, qui agit dans l'ombre)'. FICK-BECHTEL, *Die griechischen Personennamen*, p. 360, consideram *Cxóroc* uma alcunha equivalente a 'vódoc.

<sup>66</sup> MEDEIROS, *O milhafre, a garça* cit., p. 138 n. 8. Acrescente-se que *Μητροτίμη*, como observa DIEHL, é o nome da mãe do díscolo no mimo III de Herodas.

<sup>67</sup> O próprio KNOX, que o coloca entre os colíambos de autor incerto (fr. 5), escreve (*ob. cit.*, p. 5): «It is probably actually from Hipponax, but may need alteration.» Por outras palavras: feita a correcção de *Μητροτίμωι* em *Μητρότιμη* (abonável, aliás, com a lição *Μητρόδημη* de João Siceliotota), o filólogo inglês estaria disposto a conceder o fragmento a Hipónax. Mas já BILL, *Beiträge zu Lex Porsoniana*, p. 47, justificou a aparente derrogação da «norma» de HAVET.

Não nos parece muito provável, todavia, que o verso se continue no fr. 117, como propôs BRINK, com o aplauso de DIEHL («ab hoc disticho iambum initium cepisse putat Dfieh!l»).

Há mais de sessenta anos <sup>68</sup> que se discute o problema da autoria dos epodos de Estrasburgo (fr. \* 1 8 1 1 8 3 \* - ) : e nenhuma das soluções propostas — Arquíloco<sup>69</sup>; Hipónax<sup>70</sup>; Arquíloco (I)-Hipónax (II)<sup>71</sup>;

<sup>68</sup> Como acima dissemos (n. 29), os dois epodos foram pela primeira vez publicados, com a colaboração de KEIL, DIELS e WILAMOWITZ, por REITZENSTEIN, *Zwei neue Fragmente der Epoden des Archilochos*, 1899, pp. 857-864.

<sup>69</sup> Tal era, como se vê pelo próprio título do artigo de 1899, a opinião de Reitzenstein, o qual, em estudo publicado no ano seguinte, *Aus der Strassburger Papyrussammlung*, p. 621 η. 2, se não mostrava persuadido pelos argumentos contrários de Blass. A atribuição dos dois epodos a Arquíloco foi também sustentada por Gercke, *Zwei neue Fragmente der Epoden des Archilochos*, 1900, pp. 28-30; Wilamo Witz, *Die Textgeschichte der griechischen Lyriker*, 1900, p. 30 n.; Hauvette, *Les nouveaux fragments d'Archiloque publiés par MM. Reitzenstein et Hiller von Gärtringen*, 1901, pp. 71-85, e *Un poète ionien du VII<sup>e</sup> siècle: Archiloque — sa vie et ses poésies*, 1905, pp. 223-224 e 261-263; Leo, *De Horatio et Archilocho*, 1905, pp. 6-8; Christ, *Geschichte der griechischen Literatur*, I<sup>5</sup>, 1908, p. 177; Schmid, *Geschichte der griechischen Literatur*, I<sup>1</sup>, 1929, p. 397; Immisch, *Ein Epodos des Archilochos*, 1930-1931, sep. p. 11; Bowra, *Early lyric and elegiac poetry: Archilochos* ap. Powell, *New chapters in the history of Greek literature*, 3 (1933), pp. 58-60. Insistindo embora no grave obstáculo da *correptio*, Pfeiffer, *Ein Epodenfragment aus dem Iambenbuche des Kallimachos*, 1933, pp. 265-271, propendia também para a opinião de Reitzenstein. Já no *Supplementum lyricum* (Bonn, 1917), Diehl inseria os epodos entre os fragmentos de Arquíloco, e procedeu semelhantemente na *Anthologia lyrica Graeca* (1925; fr. 79-80); na última edição, todavia (1952), revista por Beutler, os números vêm inseridos entre colchetes, sinal de atribuição duvidosa.

<sup>70</sup> A tese hiponactea foi pela primeira vez exposta por BLASS, *Die neuen Fragmente griechischer Epoden*, 1900, pp. 341-347, e aceite por CRUSIUS, *Zur Charakteristik der antike Jambographen*, 1906, p. 380 (e menos abertamente por CRÖNERT, *Literarische Texte mit Ausschluss der christlichen*, 1900, pp. 508-510. Retomou-a FRACCAROLI, *I lirici greci — Elegia e giambo*<sup>2</sup>, 1923, pp. 153-156; e desenvolveu-a com método e clareza PERROTTA, *Ipoeta degli epodi di Strasburgo*, 1908, pp. 3-41, cf. também *Ancora gli epodi di Strasburgo*, 1940, pp. 177-188, e *Polinnia*, 1948, pp. 262-270. TERZAGHI, *Vodio di Ipponatte ed il I epodo di Strasburgo*, 1940, pp. 217-235, aderiu à opinião de PERROTTA e sugeriu que o epodo contivesse uma invectiva contra a traição de Búpalo, suposto *ἔραϊQoc* do poeta. LASSERRE, *Les épodes d'Archiloque*, 1950, pp. 274-285, procurou — sem grande êxito, aliás — indicar novos argumentos em favor da autoria hiponactea; e MASSON, depois de ter perfilhado a tese separatista (v. a n. 71), acabou, movido pelos embaraços que levanta a hipótese de uma antologia, por se declarar solidário com a opinião dos hiponactistas (*Encore les épodes de Strasbourg*, 1951, pp. 440-441). Na sua recente edição dos *Líricos griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos*, II, 1959, pp. 18-21, ADRADOS considera hiponacteus os dois epodos.

<sup>71</sup> Ideia lançada por JURENKA, *Archilochos von Paros*, 1906, p. 12, adoptada *ex ingenio* pelo helenista ROMAGNOLI, *I lirici greci*, 1932, pp. 91-92, 167-168 η. 2, e 222-223, e prolixamente justificada por CANTARELLA, *Gli epodi di Strasburgo*, 1944,

imitador de Arquíloco<sup>72</sup>; imitador de Hipónax<sup>73</sup>; poeta helenístico (Calímaco ou outro)<sup>74</sup> — obteve, até agora, a adesão da generalidade dos estudiosos. Quando, depois da conversão de Masson (1951) à tese hiponacteia<sup>75</sup>, se poderia pensar em ganho de causa para o Efésio, verifica-se, afinal, que a edição de Diehl-Beutler (1952) mantém, embora com dúvida, a inserção dos epodos entre os fragmentos de Arquíloco<sup>76</sup>, Page (1954) entende que «o parecer mais avisado consiste em[dar os dois epodos como anónimos]»<sup>77</sup>, Lesky (1957) atribui o primeiro a Arquíloco, o segundo a Hipónax<sup>78</sup>, Del Grande (1960) insiste em declarar que os dois epodos lhe parecem obra de um poeta posterior a Eurípides<sup>79</sup>. Se bem que o critério mais seguido na compilação das antologias poéticas antigas se baseie em afinidades de assunto ou em preo-

pp. 1-112, que obteve, nessa altura, embora com algumas reservas, o consenso de MASSON, *Les «épodes de Strasbourg»: Archiloque ou Hipponax? et quelques problèmes relatifs au texte d'Hipponax*, 1946-1947, pp. 8-27, depois convertido (v. a n. 70) à tese hiponacteia. Inseguro o parecer de GALLI, *Note agli epodi di Strasburgo*, 1938, pp. 157-175, e *Postille agli epodi di Strasburgo*, 1940, pp. 255-267, que dá o epodo I a Arquíloco ou a «um seu digno imitador», o II a autor incerto, talvez Hipónax ou um seu imitador.

<sup>72</sup> PASQUALI, inicialmente favorável à opinião de REITZENSTEIN (*Leggendo*, 1929, pp. 307-311), sugeriu depois, para obviar à dificuldade da *correptio attica* nos dois epodos, que estes fossem obra de um imitador de Arquíloco (*Archiloco*, 1934, artigo depois republicado em *Pagine meno stravaganti*, 1935, pp. 109-110).

<sup>73</sup> Sugestão incidental de KNOX, *On editing Hipponax: a palinode?*, 1938, pp. 193-196.

<sup>74</sup> Assim COPPOLA, *Archiloco o imitazione ellenistica?*, 1929, pp. 155-168. Embora os seus argumentos fossem imediatamente rebatidos por PASQUALI (*Leggendo*, cit. em a n. 72), o filólogo italiano regressou à ideia em *Cirene e il nuovo Callimaco*, 1935, pp. 92-94, para sugerir com maior clareza o nome do *doctus poeta*.

A aparente semelhança de imagens e de vocabulário entre o epodo I e os vv. 407-426\* da *Ifigénia Táurica* de Eurípides, e a história das palavras *qóōoc* (leitura abandonada em favor de *χνόoc*) e *ἀκρᾶνή*, levou DEL GRANDE — excluídos embora Calímaco e Eufóron — a atribuir os dois epodos a um habilíssimo literato alexandrino (*Intorno agli epodi di Strasburgo in Note filologiche*, 1942, pp. 11-36, e *Ancora sulVetà di composizione del I epodo di Strasburgo*, 1948, pp. 255-257; cf. também *Storia della letteratura greca*, Napoli, 1954<sup>10</sup>, pp. 75-76).

<sup>75</sup> Art. cit. em a n. 70.

<sup>76</sup> V. a n. 69.

<sup>77</sup> Crit. a DIEHL-BEUTLER, p. 106.

<sup>78</sup> *Geschichte der griechischen Literatur*, p. 106.

<sup>79</sup> Crit. a ADRADOS, p. 412.

cupações de natureza gnómica ou moralizadora <sup>80</sup>, não pode excluir-se *a priori* a hipótese de uma crestomatia organizada em função da métrica das composições — uma crestomatia de epodos, neste caso <sup>81</sup>. As duas poesias (a rigor três : mas o fragmento *la* é praticamente inutilizável) — conservadas no mesmo rolo de papiro, embora em colunas diferentes, transcritas pelo mesmo punho e acompanhadas ambas de escolios (o que é pouco frequente em antologias) — não apresentam, no entanto, vestígios de lema distintivo de autor: lema que, teóricamente perdido no texto cimeiro do epodo I ou obliterado no topo do II, poderia, ao invés, figurar — e não figura — entre a última linha de I e a primeira de I *a* (apenas se vê o parágrafo separador de composições) <sup>82</sup>. Em abono da identidade de autor, Perrotta acentuou que os trímetros dos dois epodos observam com o maior rigor as «leis» de Porson-Wilamowitz-Knox (o que desde logo exclui as imitações de um vulgar epígono), mas exemplificam ambos a *correptio attica*; e tanto no primeiro como no segundo se encontra um exemplo de parêntese a interromper paratácticamente o período principal <sup>83</sup>. A presença da *correptio*, o recurso aos parênteses, além de outros indícios menores e mais discutíveis (monossílabo depois da cesura, emprego do artigo como tal, de eoc seguido de substantivo, de *κω* no epodo II), permitiriam afastar Arquíloco, já que o lírico de

<sup>80</sup> «BARNES, *A new gnomologium, with some remarks on gnostic anthologies*, «Class. Rev.», 44 (1950), pp. 126-137, e 45 (1951), pp. 1-19, divide as antologias em dois grupos : de simples recreio (peças classificadas por assuntos) e de intenção moralizadora (trechos sobretudo gnómicos). Parece claro que os nossos epodos não podem inserir-se em nenhum dos dois grupos.» (MASSON, *Encore les épodes de Strasbourg*, p. 442.)

<sup>81</sup> Um papiro, também de Estrasburgo (W.G. 304-307), publicado por Crönert («Gött. Gel. Nachr.», 1922, 131), contém, de um lado, uma selecção de coros de tragédia, do outro um fragmento de antologia (poesias de metros diversos e assuntos morais), organizada por Cécidas: cf. KNOX, *Herodes, Cécidas* cit., p. 253, e PERROTTA, *Il poeta degli epodi* cit., p. 4.

<sup>82</sup> A observação pertence a ADRADOS, *Líricos griegos* cit., II, pp. 20-21.

<sup>83</sup> PERROTTA, *Il poeta degli epodi* cit., p. 5, indica mais dois argumentos que não podemos utilizar: a existência, em um e outro epodo, de advérbios superlativos de valor irónico (*εὐφρονέτατα* I.3, e *αρκτα* II.4), porque *εὐφρονέτατα* é apenas conjectural (DIELS) e rejeitado por alguns (BLASS, SCHULTHESS, KLINGER, CANTARELLA, ADRADOS); e a possibilidade de Horácio ter imitado ambos os epodos, a qual se esteia, para o II, no paralelo entre *olentem Maeuium* (Epod. 10.2) e *[γ]ρ[ά]ου πνέοντα φόρα* (v. 7), em que, no entanto, *[γ]ρ[ά]ου* é suplemento de WILAMOWITZ negado por CANTARELLA, que prefere *[τ]ρ[ό]μου* ou *[β]ρ[ύ]τ[ε]ρον*.

Paros não autoriza aquela liberdade métrica <sup>84</sup> e é, do ponto de vista estilístico, um dos poetas mais límpidos da literatura helénica <sup>85</sup>. Menos provável ainda a candidatura de um poeta helenístico — que teria de ser Calimaco, atenta a grande severidade do trímetro iâmbico —, porque nem os temas dos dois epodos aparecem nas *δκιγγυεκ* do Cireneu, nem o estilo lhe conviria, nem a *Ιαμβική ιδέα* — como a entendia o autor, ou autores, dos epodos — era conceito sentido e aplicado por escritores alexandrinos <sup>86</sup>. As objecções que se movem para Arquíloco ou para Calimaco não valem para Hipónax, o qual, observando embora, com o escrúpulo de um refinado artista, todas as «normas» descobertas por PORSON, WILAMOWITZ e KNOX, apresenta, no entanto, vários casos de *correptio attica*; oferece três exemplos de monossílabo depois da cesura; emprega correntemente o artigo como artigo, eoc com substantivo e, fora dos casos de paródia homérica, as formas do tipo *κω*; é poeta em que a *Ιαμβική Ιδέα* assume extremos de violência que só em Arquíloco teriam paralelo; e revela um gosto tão pronunciado pelos parênteses que esse vezo estilístico não foi esquecido por Calimaco na prosopopeia do seu iambo inaugural<sup>87</sup>. Além disso, é hiponacteu o ambiente do epodo II, característica a menção do nome do poeta (II.3), discutível o conceito de glossematismo do Efésio (que resulta, em parte, se bem que não exclusivamente, das próprias condições de transmissão da sua obra) <sup>88</sup> e falso o contraste estabelecido entre a homericidade de um e de outro epodo <sup>89</sup>. Mas o problema, infelizmente, pertence

<sup>84</sup> MORELLI, «*Correptio attica*» in *Archiloco*, pp. 256-267. É pouco crível, de facto, que, «por ironia do acaso, tenham apenas chegado até nós versos em que o poeta se não permitiu licenças ou anomalias prosódicas» (DEL GRANDE, *Intorno agli epodi di Strasburgo*, pp. 14-15, para quem uma objecção deste tipo representaria um «sofisma crítico»).

<sup>85</sup> PERROTTA, *art. cit.*, pp. 6-16.

<sup>86</sup> PERROTTA, *art. cit.*, pp. 16-19.

<sup>87</sup> PERROTTA, *art. cit.*, pp. 29-39.

<sup>88</sup> PERROTTA, *art. cit.*, p. 21, contra a opinião de PASQUALI, *Leggendo*, p. 310.

<sup>89</sup> Embora MASSON tenha mostrado que não são probativos os paralelos com lugares-comuns do tipo *δοῦλων ἄπτον* (I.6) e *λάζ δ\* ἐπ' ορκίον εβη* (I.13), abrimos uma excepção para o caso de Herodas 8.58 *τά δεινα πνευαυ λάζ πατέ/ων*, porque o trímetro do epodo e o trímetro do mimiambo apresentam a mesma estrutura (monossílabo depois da incisão) e o verso do alexandrino é posto na boca do próprio Hipónax (PERROTTA, *art. cit.*, pp. 36-38). (Mais ainda: nos últimos papiros—fr. 99.13 — *λάζ* reapareceu em idêntica posição.) Notável também, pelo arcaísmo das formas, a coincidência entre *μάκαρ ορστ* de II.5 e do fr. 56 de Hipónax (*art. cit.*, pp. 38-39).

ao número daqueles que se não podem resolver sem uma prova tangível — qual seria, por exemplo, à falta de melhor, a realidade do escólio *αἰ\μαίνει [τον Βον]παλ(ον)* entrevisto por Blass na margem esquerda do último verso do epodo I<sup>90</sup>. As dúvidas subsistem e subsistirão enquanto um códice ignorado ou um novo papiro não vier dissipá-las: entretanto, o peso maior dos argumentos inclina a balança a favor de Hipónax.

Fácilmente se podem remover, pelo contrário, os embaraços que alguns estudiosos — sem grande convicção, aliás — têm levantado à atribuição de fragmentos incluídos nesta colectânea.

Assim, nada resta hoje da argumentação que KNOX expendeu <sup>91</sup> contra a autenticidade do fr. 39: *ρνδην*, no fim do v. 1, que o filólogo inglês considerava «so typical of later choliambists», reapareceu na mesma posição, e até na mesma construção, com o descobrimento do Oxyrh. Pap. 2175.3-4 (fr. 99.11 *Ιοc τε καί ρνδην : ἤζνχῆ τε καί ρνδην*); o «tom de moralismo», apresentado como um obstáculo contra Hipónax (e não deveria, a rigor, considerar-se tal), está longe de ser evidente, pois, como observou PERROTTA <sup>92</sup>, o poeta se pode contentar com escarnecer do perdulário, sem extrair daí um esarmento formativo; não há três exemplos de dissolução de longa no primeiro pé do trímetro, mas apenas dois (e diferentes: tríbraco, dáctilo), porque *θννναν* (e não *θνννίδα*, conjectura inútil de MEINEKE) do códice A é a lição genuína (v. 2); e nem *μνττωτόν* (v. 2), palavra verosimilmente alógena, nem *ώατερ* (v. 3), normal em Hipónax, ao contrário do que supunha KNOX, nem *μέτρια τρώγων* (v. 5), a que se podem comparar *γacrέράτρεμαε* (fr. 36.5) ou *μηκέτι γράμηκ* (fr. 34.1), levantam quaisquer dificuldades ou justificam as correcções propostas. O próprio KNOX reconhecia, aliás, que «a atribuição de Ateneu era clara, boas as pausas e as divisões do verso, e atraente a conexão com o fr. 40» <sup>93</sup>.

Debalde se buscará a razão da advertência «perhaps Aeschriotic» <sup>94</sup> com que se encontra reproduzido, na edição de KNOX, o fr. 58 *ενχρjv*

<sup>90</sup> REITZENSTEIN lera *λαγειει ! παλ*; SCHWARTZ, que examinou em 1951 o papiro, dá *λαινει ! παλ*.

<sup>91</sup> *Herodes, Cécidascit.*, pp. 262-263.  
dúvida, a Fénix.

O fragmento vem atribuído, com

<sup>92</sup> *Il poeta degli epodicit.*, pp. 16-17 n.2.

<sup>93</sup> *Ob. cit.*, p. 262.

<sup>94</sup> *Ob. cit.*, p. 20.

*μέλαιναν, ἀμπελον κααγνήτην*. Repugnância em conceder a Hipónax um verso em que se conteria, segundo a fonte, uma alusão de carácter mitológico? Os últimos papiros demonstraram que os havia na obra do Efésio. E porquê Escríon, e não qualquer outro poeta alexandrino? Na realidade, a autoria do verso é garantida por Ateneu, que está — com os gramáticos, Tzetzes e os papiros — no grupo dos testemunhos fidedignos. Além disso, a fórmula da locução *ἀμπελον κααγνήτην* era tão grata a Hipónax <sup>95</sup> que a vamos encontrar repetida mais duas vezes, em final de verso, nos breves fragmentos que dele possuímos: *βολβίτον κααγνήτην* (25) e *d[ε]βόλ[ον] κααγνήτ-* (98.10). Ora não parece de bom método, nestas circunstâncias, hesitar entre o modelo e o seu imitador.

Depois de Fénix e de Escríon, Anânio. Por dificuldades de ordem métrica, hoje superadas, o mesmo Knox considerava «very doubtful» o fr. 60 *ολίγα προνεαν οί χάλιν πεπωκότεε*, que Tzetzes — em três lugares diferentes (*Schol. in Hes. Op.* 336, *Schol. in Lycophr.* 579 e *Schol. in Aristoph. Plut.* 435) <sup>96</sup> — expressamente atribui a Hipónax e que o filólogo inglês preferia dar ao seu coevo imitador. Sabemos, de facto, por mérito de Masson<sup>97</sup> e dos descobrimentos papirologicos<sup>98</sup>, que tinha razão Heliodoro em afirmar que Hipónax misturava trímetros rectos com escizontes (se é que, bem entendido, este verso não pertence a um epodo)<sup>99</sup>. Quanto ao *ολίγα* inicial, parece mais verosímil — em autor que admite a *correptio attica* — medi-lo como tríbraco <sup>100</sup> (cf. fr. 13, 36.2, 39.4, 64.13): se bem que, a rigor, a presença do anapesto não representasse um obstáculo, pois dele temos dois exemplos em Hipónax (24.2, 74.6)]<sup>101</sup>. Também não criaria embaraços, como vimos, o tom sentencioso ou «moralista» do fragmento.

A solene menção, no fr. 61 — *καί Μναων, δν ὀπόλλων / ἀνεῖπεν ἀνδρῶν ἑωφ ρ ον ἐ πάτον πάντων* —, do nome de um dos Sete Sábios,

<sup>95</sup> Já LOBEL fez a mesma observação, a propósito de *ἀ[σ]βόλ[ον] κααγνήτ-0Oxyrh. Pap.* 18. 2175.2.10).

<sup>96</sup> Uma quarta citação deste verso — omitida por DIEHL e ADRADOS, mas recordada por KNOX — figura, sem o nome do autor, no *Etymologicum Florentinum* ap. *Mélanges* Miller, p. 307.

<sup>97</sup> *Les «épodes de Strasbourg»* cit., pp. 19-25.

<sup>98</sup> LOBEL, *Oxyrh. Pap.* 18 (1941), p. 68.

<sup>99</sup> Inútil, por conseguinte, a «correção» *πεπόκων*, sugerida por Knox.

<sup>100</sup> PERROTTA, *Ipsoeta degli epodi* cit., pp. 30-31 : inexacta, porém, a sua afirmação de que Hipónax não tem exemplos de anapesto inicial.

<sup>101</sup> E um em Herodas (7.57: em nome próprio, como no fr. 24.2 de Hipónax).

aparentemente estranha ao mundo dos interesses de Hipónax, levou Brink, seguido por Gerhard e Knox <sup>102</sup>, a presumir que Diógenes Laércio (1.106-107) se tivesse equivocado na atribuição e os dois versos devessem, com maior probabilidade, ser concedidos a Calimaco — tanto mais que no iambo I d.o alexandrino se narra precisamente a história da taça de Báticos, que, um após outro, os Sete Sábios modestamente recusaram, até que, segunda vez recebida por Tales, este se decidiu a ofertá-la a Apoio Didimeu. Esquece-se, porém, que é sintomático o facto de esta narrativa ser posta na boca de Hipónax e que, por outro lado, as *ὀηγή^κ* nos dão a lista dos Sete Sábios mencionados por Calimaco no referido iambo — Tales, Bias, Periandro, Sólon, Quilon, Pitaco, Cleobulo —, e nela não figura o nome de Míson. Mas o cepticismo é injustificado ainda por outro motivo. Se o acaso, por exemplo, nos tivesse apenas conservado, sem o contorno de outros fragmentos do mesmo papiro, a relíquia de verso *Βάραγχοε ἄρτε μ|* (fr. 100.6), e Herodiano (*Περί παθόν* 2.220.22-24 = *Etym. Magn.* 188.8-10) não abo-nasse como de Hipónax a forma *Βάραγχοε*, seríamos tentados a atribuí-la a Calimaco, por sabermos que este cantou, no iambo IV, o mito de Branco e que no fr. 194.31 Pf. se lê, por sinal, *ὄλε ἢ τρκ ε[ί]πών ἄρτεμεαα ἐποίη^ε*, reminiscência provável do texto do iambógrafo. Na realidade, os últimos descobrimentos papirológicos vieram demonstrar que a temática de Hipónax era mais rica do que a princípio se supôs, e que não é lícito excluir *a priori* um fragmento só porque o assunto não parece inserir-se no rol de preferências que arbitrariamente lhe foram designadas <sup>m</sup>. De resto, ninguém se lembrou até agora de contestar a Hipónax a autoria do fr. 117 *καὶ δικάζεσθαι Βίαντροα τον Πριμῆοε κρέπον*, em que é nomeado outro dos Sete Sábios.

Como glosa de *εννέωροι γάρ τοίγε* (λ 311), o óstracon berlinense 12605, publicado por Wilamowitz <sup>104</sup>, conserva (11. 9-10), introduzido pela palavra *Ἰππώνακτοε*, o fragmento seguinte (62) : *πονηροε [.....]ιοε πάνταζ| ᾠΑσωποδώρον παῖδα κ|*. Sem examinar o original, Humpers sugeriu <sup>105</sup> que, em vez de *Ἰππώνακτος\* πονηροε κτλ.*, se lesse ... a

<sup>102</sup> BRINK, *Hipponactea*, p. 233; GERHARD, *Phoinix von Kolophon*, pp. 196-197; KNOX, *Herodes, Cécidas* cit., p. 28 n. Crítica em PFISTER, P.-W. *R.E.* 16.1192-1193.

<sup>103</sup> Quem pretendesse insistir no carácter exclusivamente motejador das composições de Hipónax, sentiria dificuldade em explicar o fr. 68.5-7, que tem a nobreza (ilusória?) de um lance de épica autêntica.

\*04 y. a n. 19.

<sup>105</sup> *Glosses homériques sur ostracon*, p. 92.

segunda metade do mesmo verso homérico: *και εννεαπήχεετ ήααν; ενροζ*. Semelhante opinião nada tem que a recomende<sup>106</sup> : *Ἰππόκαντοεῖρ πονηροθ* é texto seguro, e o próprio HUMBERS admite que a ideia «assenta numa base frágil», porquanto «a linha seguinte não pertence a Homero», «*πονηροθ* é muito característico de Hipónax» e — acrescentemos nós — <sup>5</sup>*Ααενοδωγο* procede de <sup>3</sup>*Ααονό*, palavra micrasiática e nome de um rio, entre outras regiões, da Cária<sup>107</sup>.

Estabelecimento Mercê sobretudo dos descobrimentos papiro-  
do texto lógicos, da edição de KNOX e dos estudos de MASSON, além de numerosos artigos provocados pela questão dos epodos de Estrasburgo, a crítica do texto de Hipónax fez algumas progressos nos últimos trinta anos. Estamos longe do tempo em que MEINEKE podia transformar *τί μονκ εδωκαε χανσον, άργυρον πάλμν;* (fr. 1.2) em *τί μονκ εθηκαε Κροκον άντ<sup>5</sup> Ἴρον πάλμν;* e em que PUTSCH se permitia sugerir a transmutação de *coc oi μεν άγει Βονπάλοι κατηρώντο* (fr. 90.15) em *ώ Κλαζομένιοι, ΒονναΧός <τε> καθηνκ* (fr. \*179)<sup>108</sup>. Já ninguém pensa em «normalizar» os isquiorrógicos de Hipónax ou corrigir os trímetros rectos que o poeta inseriu entre os colíambos, nem recusar-lhe um verso porque tenha *&επερ* em vez de *ωατε* ou um anapesto em vez de um iambo ou de um espondeu<sup>109</sup>. Mas as dificuldades continuam a ser numerosas, e grandemente se ilude quem as apreciar à luz das recentes edições de DIEHL-BEUTLER (1952) e ADRADOS (1959): três *cruces* apenas indica a primeira (frr. 15.3, 53 e VI.17), nenhuma a segunda<sup>110</sup>; e alguns versos aparecem, total ou parcialmente, integrados por suplementos que só no aparato crítico — *exempli gratia* — deviam figurar. Poderemos em boa consciência julgar satisfatório um fragmento como o 27 D.-B. (23 Adr.) *τονε ανδραε τοντονα οδύνη <sup>5</sup>πιαλει ριγηλή* (cf. 126 M.), em que, prescindindo já do aspecto métrico,

<sup>106</sup> Apenas lhe fazemos referência por ter sido mencionada por GALIANO, *La lírica griega a la luz de los descubrimientos papirológicos*, p. 83, n. 119.

<sup>107</sup> piínio, *Nat. hist.*, 5.105. Pouco límpida a referência que faz o escoliasta de Aristófanes, *Au. 17* a um *ανμυαζοα <sup>5</sup>Ααωνόδοσον* do cómico Teleclides.

<sup>108</sup> >08 v> a n> 61>

<sup>109</sup> D<sub>e</sub> postulados erróneos deste tipo resultam muitas das *cruces* e alterações arbitrárias que vamos encontrar na edição, por outros aspectos meritória, de KNOX.

HO Embora, em anotações à tradução, se mencionem três (pp. 31, 35 e 48).

παλεῖ é, pelo menos, discutível e ριγηλή representa uma conjectura audaciosa de Bergk (codd. ρειπαι, ρειτιαε, ρεπταε)<sup>111</sup>? E quem nos autoriza a perfilhar o suplemento ο1 δὲ (sc. κάνθαροι) ροβε οδ(όν)/τασ ὠζνον/ do fr. 14.13 D.-B. (cf. 64.13 M.), quando é fácil verificar que no papiro nada resta do ν do pretense ὀδ(όν)/ρασ<sup>112</sup>, nem consta que alguma vez os escaravinhos fossem providos de dentição<sup>113</sup>? Exemplos como estes são mais frequentes do que à primeira vista pode parecer. A verdade, porém, é que sabemos tão pouco do *usus scribendi* de Hipónax que muitas das nossas presunções correm o risco de ser gratuitas<sup>114</sup>. Mais vale, nestas condições de incerteza, longe de apresentar um texto «íntegro» e «restaurado», assinalar modestamente os embaraços e deixar em claro a maior parte das lacunas<sup>115</sup>.

Assim, a presente edição indica dez *cruces* — cinco extensivas a versos ou partes de verso (8.2, 51, 126, 129, 130) e cinco limitadas a uma, duas palavras (24.2, 34.5, 80.17, 138, 141): número que, à pri-

<sup>111</sup> Nos *Poetae lyrici Graeci*, BERGK propusera respectivamente γναλ<sup>3</sup> (πάλαι WELCKER, MEINEKE, PUTSCH) e ηρειπ αίεί.

<sup>112</sup> Nem sequer do ο que ο precede: COPPOLA, na transcrição diplomática dos *Papiri greci e latini* 9.1089.13 dá οό\*\*[, LOBEL d<5..] nos *Oxyrh. Pap.* 18.2174.13.

<sup>113</sup> Romagnoli, *I lirici greci*, I, p. 243, que sugere ὀδον/ρονε (burlesco, por 'ορχεκ').

<sup>114</sup> Vale a pena citar um exemplo que atesta o perigo dos suplementos extraídos de passos, supostamente paralelos, de outros autores: no fr. 64.11, o papiro trazia apenas ἤλθον κατ σαμήν πλενν/, mas o seu primeiro editor, COPPOLA (*Un nuovo frammento dei Giambi di Ipponatte*, p. 502), resolveu, a partir de uma sugestão do iambo I de Calimaco — preenchido, como se sabe, com a fala de Hipónax —, integrar o coliambo escrevendo πλενν|δε ανδρεε ρι μυια|. O suplemento foi aceite por dois filólogos de grande escrupulo, LATTE (*Hipponacteum*, p. 387) e PASQUALI (*Il frammento fiorentino di Ipponatte*, pp. 304-305), o segundo dos quais, perturbado com a súbita passagem da cena erótica ao ... tumulto (πλεννεε ανδρδε ή μυια indicaria um assalto ao bordel), sugeriu que o fragmento descrevesse «um angustioso, mas irreal pesadelo». A publicação por MASSON (*Nouveaux fragments d'Hipponax*, pp. 71-76) de algumas citações de Hipónax contidas em um texto inédito da *Exegesis in Iliadem* de Tzetzes mostrou, afinal, que o poeta escrevera mais simplesmente πλεννεε ή πεντήκοντά.

<sup>115</sup> Casos particularmente favoráveis como os dos frr. 64.4 [κ|ράδη< > ἔννηλοίηεν ὡα|ερ φαρμακώι] — suplemento de COPPOLA (cf. fr. 27.2) — e 113.13-14 ἀλήχει δε κοι;Κίκων το Κοδά|λον μέλοζ] — suplemento de LATTE — são, na realidade, muito raros. Por isso evitámos geralmente acolher integrações no texto do poeta. Usámos, porém, de maior tolerância no comentário anónimo a Hipónax (*Oxyrh. Pap.* 2176) que acompanha os frr. 113 e 114.

meira vista, parecerá elevado, mas é, se quisermos ser sinceros, optimista. O confronto do nosso texto com o de DIEHL-BEUTLER permitirá, além disso, segundo eremos, verificar que se procurou, sempre que possível, regressar às formas originais da tradição, emendadas ou acrescentadas, por vezes, com certa ligeireza. Este esforço está documentado nos fragmentos seguintes:

1 : respeita-se o testemunho de Tzetzes, que apresentava unidos os dois versos, ao contrário do que pretenderam — sem aduzir razões convincentes — THRYLLITZCH, BERGK (fr. 30 A e 30 B) e ADRADOS (fr. 46 e 38; DIEHL, fr. 34 e 35, parece hesitante), quando bastariam, entre outros argumentos, as reminiscências de Aristófanes, *Plut.* 130-134, ede Calimaco, *Hymn. Iou.* 94-96, e o paralelo com a inscrição vascular *ὁ Ζεν πάτερ, αἶθε ΝΧοvcioc γεν[οίμαν]* <sup>116</sup>, para mostrar que não há aproximação injustificada de versos de poesias diferentes;

6.1: restabelece-se, a partir de *χολεναν* de γλ a lição *κω χλαῖναν* (DIEHL-BEUTLER *την χλαῖναν*)<sup>117</sup>;

6.4: mantém-se *ρήγννται* de γ<sup>2</sup> (escrito *ρηγν-*) <sup>118</sup>, confirmado pela imitação de Nicandro, *Ther.* 682, em vez da banalização *ρήγνηται*, aceite por SCHEER, DIEHL-BEUTLER e ADRADOS;

20: elimina-se o suplemento abusivo <γρμνή δέ> de CRUSIUS e as palavras *πρὸς το*, que pertencem, como fórmula introdutiva, à citação do escoliasta de Apolónio Ródio e que o filólogo alemão considerou de Hipónax, sem verificar que assim criava um verso de incisão defeituosa <sup>119</sup>;

30.2: reproduz-se a forma coc dos códices, em vez da correcção inútil âc de Rupprecht, que não melhorava, aliás, a lição, talvez só na aparência suspeita, deste passo;

31.1: conserva-se *γενηται* dos códices, em vez de *γένοιτο* que MEINEKE propusera com dúvida («quamquam *γενηται* ab οκωο, quod

<sup>116</sup> KRETSCHMER, *Die griechischen Vasenschriften: ihrer Sprache nach untersucht*. Gütersloh, 1894, p. 80 (n.º 48).

<sup>117</sup> Também adoptada por ESCALÍGERO (*πω χλαῖναν*), SCHNEIDEWIN, BERGK, PERROTTA e ADRADOS.

<sup>118</sup> Mesma opinião em SCHNEIDEWIN, BERGK, MEINEKE, PERROTTA, CHANTRAÏNE, MASSON e DEL GRANDE.

<sup>119</sup> «For a weak caesure would be incredible», diz justamente KNOX (*Herodes, Cércidas* cit., p. 28). MEINEKE propos emendar *πρὸς τό* em *πρώτοι*: «praeter necessitatem, cum ad lexicum cuiusdam locum delegari uideatur» (WENDEL, *Schol. in Apoll. Rhod. vet.* 4.321-322).

in superioribus adfuerit, suspensum esse potest») e outros (Crusius, Rupprecht, Diehl, Adrados) se apressaram a aceitar;

36.4: volta-se à lição genuína de Tzetzes *καὶ μνήμα Τσότος Μυτάλιδι πάλμυδοε*, abandonada em favor das extravagâncias *μνήματ<sup>5</sup> ὕπτιν* (ou *μνήμα τώτν*), *Ἐπτάλνδα πάλμυδοε* de Schneidewin, Bergk, Crusius e mais editores<sup>120</sup>;

37.1: legitima-se com o exemplo de Homero (*Β* 811, *Φ* 567 *προπάροιθε νόχιος*), que o autor imita neste passo (cf. também Herodas, 2.8 *χις [πόλ]τοε κήώ*), o texto dos manuscritos *χις νόχιος ἐνὶ Ἐμνρην*, que Schneidewin e Meineke, seguidos por todos os editores de Hipónax, haviam arbitrariamente alterado em *χις νόχιος ἐν Ἐμνρην*;

39: prescinde-se da lacuna que Gaisford, Schneidewin e Bergk (seguidos por Diehl e Adrados) haviam arbitrariamente estabelecido entre os vv. 4 e 5 *ακτε χρή Ἐκάπτειν, / πετραο τ<sup>5</sup> ορε/ακ ανκα μέτρια τρώγων*, pois *Ἐκάπτειν* está empregado intransitivamente e *πε'τραο τ<sup>5</sup> ορε/ακ* representa — como em um exemplo similar de Hipócrates, *Prorrh.* 2.31 *λίθον ε τε και γην τρώγονα* — o objecto directo de *τρώγων*;

44: interpreta-se com Maas a lição *εκτεινον* em *Ικτίνον*, e não em *εκείνον*, como entendera Hörschelmann e, com ele, Crusius, Diehl e Adrados<sup>121</sup>;

49: aceita-se a forma *λάθαργοε* dos códices, bem abonada por Hesíquio, s.u. *λάθαργοι*, e Frínico, *Praep. soph.* 87.9-11, e ocorrente, por sinal, embora noutro sentido, em Nicandro, *Ther.* 423, em vez da correcção *λαίθαργοα* de Masson;

56: substitui-se ao aticizado *μακάριοε οατια* a legítima forma *μάκαρ δτκ* do códice U<sup>122</sup>;

64: abandonam-se todos os suplementos de COPPOLA, à excepção de *[κ]ράδη<ι>* e *ώοπ[ερ φαρμακώι]* (v. 4); mantém-se *φαλ]* de COPPOLA (em vez de *τή<ι> Ἐψαλ]* de LATTE), e oá..[ em vez de *όδόν[τα* (v. 13)<sup>123</sup>;

78: regressa-se ao texto de Lobel, rejeitando as integrações gratuitas de Diehl, exemplo insigne de *lusus* filológico;

<sup>120</sup> Única excepção KNOX, que escreveu *καὶ μνήμα [ταερος μυταλντα πάλμυδοε*. A RAMSAY, *Asiatic elements in Greek civilisation*, pp. 153-156, apoiado por MAZZARINO, *Fra Oriente e Occidente*, pp. 100-101, se deve o esclarecimento definitivo do problema.

<sup>121</sup> MEDEIROS, *O milhafre, a garça* cit., pp. 133-140.

<sup>122</sup> V. a n. 89.

<sup>123</sup> V. supra, p. LXIII.

97 : tomam-se como indicação numérica as letras *κη etc* da suposta primeira linha d.o texto (*κη[λ]εῖε* Diehl e Adrados, quando no papiro não existe, nem parece ter existido, entre *η* e *ε*, o mínimo sinal);

**113.1:** não se preenche a lacuna *θεο|* /*εκ*, porque, embora *Qδδ/cvXtv* de LOBEL, esteado no comentário a Hipónax (fr. 1 col. 1.14), seja muito provável, *θεο|κχθρήν* de VOGLIANO e E. FRÄNKEL tem o apoio do fr. 65.7 (LATTE, por seu turno, escreve *θεο|μνςfj*), e, quanto à palavra final, LATTE e SNELL dão *τρέφ|εκ*, E. FRÄNKEL e VOGLIANO *εχ|εκ*, DIEHL *φέρ|εκ*;

120: prefere-se *Καμανδοδοῦ* dos códices mais antigos a *Καμανδωλοῦ* dos *recentiores* <sup>124</sup>;

**121** : aceita-se *Αιοσχοργος* dos manuscritos de Hesíquio, que BERGK, seguido por ADRADOS, emendava para *Αἰος κούρη*, e SCHMIDT, com o aplauso de KNOX, para *Ατοε κουραα|*

**149:** reproduz-se /?*ααγ^ο^ο* dos mesmos códices, rejeitando *βαίτίκόροε* de SCHMIDT, e *βαννίκορος*. (-*κόροα* BRINK) d.e BERGK e ADRADOS que pretendiam tornar grega uma palavra lídia <sup>125</sup>.

Claro está que esta atitude conservadora — imposta, afinal, pelo zelo dos interesses do poeta — não deve degenerar em cómoda passividade ou feiticismo obstinado da tradição: porque nalguns casos é forçoso intervir para restabelecer versos ou formas alteradas.

Não cremos que em um artista consumado como Hipónax se possa tolerar — e, no entanto, assim o pensaram BERGK e ADRADOS — um verso de incisão defeituosa (caso único, para mais, em todos os que dele conhecemos, de texto seguro), qual seria *ὦ Ζεῦ πάτερ, θεῶν Ὀλομπίων πάλμυ* (cf. fr. 1.1): com razão MEINEKE o aproximou de um verso de Arquíloco, *ὦ Ζεῦ πάτερ, Ζεῦ, δὸν μὲν οὐρανοῦ κράτοε* (fr. 171.1 L.-B.), e fez a emenda que se impunha: *ὦ Ζεῦ πάτερ, <Ζεῦ>*, justamente adoptada por DIEHL e aplaudida por KNOX e PERROTTA <sup>126</sup>.

<sup>124</sup> Assim na mais recente edição do *Aduersus mathematicos* de Sexto Empírico (J. MAU, Lipsiae, 1954).

<sup>125</sup> Iludido por um códice defeituoso, BERGK, e com ele ADRADOS, atribui a Hipónax a voz *ἀρμαλή* ; mas o que se lê no *Etymologicum Gudianum* (ed. DE STEFANI), s.u. *ἀρμαλιά*, é o seguinte: (*bc δε καθαίρω καθαρο^ο, εαίρω καρμός παρά Τηπώνακτι*. A palavra hiponactéia é com certeza *οαρ^οο* (fr. 173), um lidismo também averbado por Hesíquio, e que já SAYCE, *The decipherment of the Lydian language*, p. 39, sem conhecer o texto de DE STEFANI, presumia fosse tomado do Eféσιο.

<sup>126</sup> KNOX, *Herodes, Cércidas* cit., p. 44; PERROTTA, *Ipoeta degli epodi* cit., p. 33.

Há mais de cem anos que todos os editores, à excepção de Bergk (renunciatório apenas), aceitam, no fragmento que descreve um trecho da Estrada Real da Meónia a Éfeso (36), um hipotético *Μεγαπρν* (v. 3), que seria, no voto do seu proponente, Schneidewin, o nome da cortesã favorita de Gíges. Buckler e Ramsay mostraram, porém, que a sucessão dos pontos de referência indicados requer a menção — naquele lugar — da grande metrópole de Sárdis, designada com toda a naturalidade por *μέγ³ ἄρνν*, pois que da Lídia era a capital<sup>127</sup>.

Perante a deformação evidente *t osiovc κατεγγνϵ* *t Τλιον πύργων* dos códices (cf. fr. 68.6), Meineke julgou vencer a dificuldade substituindo a *oeiovc* um engenhoso *cvdsíc* que recobria os letras do *monstrum* e se harmonizava com a glosa marginal *Ιών* do códice A. A correcção, adoptada por Diehl, Perrotta e Adrados, apresentava o inconveniente de manter a forma suspeita *κατεγγνϵ*, não atestada: bem mais oportuna se deve considerar, neste caso, a solução de Knox, que, sentindo a imitação homérica de todo o fragmento (cf., para este passo, *P* 481 *αρμ⁵* *επορο-υσαε*), emenda *t OELOVC κατεγγνϵ* | para *ο^ονσαε εγγύϵ* e vê em *κατεγγνς* o resultado de uma glosa marginal *και (εγγύς)* introduzida no texto<sup>128</sup>.

Em um número restrito de outros casos, deliberadamente nos afastámos também da forma transmitida, que reputamos alterada:

5.2 *βαμβαλόζω*<sup>129</sup> (e não *βαμβακύζω*), em concordância com Hesíquio *βαμβαλόζει* e *παμοραλόζει*, Oxyrh. Pap. 2317.4 *εβαμβάλλνζε*, Eustátio *βαμβαλίζων*, Escol. Iliad. 10.375 *βαμβαλόζων*, Frinico *Praep. soph.* 54.7 *βαμβαλόζειν*;

23.3 *τον δνέωννμον δαρτόν*<sup>130</sup> (e não *άρτον*), em que *δαρτόν* <sup>4</sup>*ψωλήν* corresponde a *κέρκον* de *την άνώννμον κέρκον* de Herodas 5.45;

<sup>127</sup> RAMSAY, *ob. cit.*, pp. 151-152; e cf. Heródoto, 3.5.

<sup>128</sup> Tem-se aceitado como boa a integração feita por COBET em 122.δ: <κακόο κακόν ολον δηται, que se apoia em ρ 217 κακοο κακόν ήγγλάζει. Na realidade, porém, como dissemos noutra lugar (*O milhafre, a garça* cit., pp. 140-144), o poema paródico a que pertence este verso é dirigido contra uma mulher, motivo pelo qual se deve preferir a integração <κακή>, parcialmente concordante, aliás, com a lição *κακψ* dos *recentiores*.

<sup>129</sup> Emenda de SCHNEIDEWIN, adoptada por KNOX, PERROTTA e ADRADOS.

<sup>130</sup> Conjectura de MASSON que, no entanto, atribuía a *δαρτόν* a acepção, tardia, e pouco provável neste passo de Hipónax, de ‘membrana do escroto’.

24.2 *δούμωι*<sup>131</sup> (e não *δονλωι*), de harmonia com a opinião mais autorizada que vê em *δονΧος*, na acepção de *ή οικία, ή <χημαίνει> την επι το αυτό εννέλεσαν των γυναικών* (Hesíquio), um lapso da tradição manuscrita: a forma carece de atestação fora de Hipónax e da glosa de Hesíquio (agora também emendada por Latte) que do Efésio certamente provém — ao passo que *δοῦμοε*, termo frigio designativo de ‘associação religiosa (com predomínio das mulheres)’, ligada ao culto de Deméter, tem a abonação de um passo da *Antologia Palatina* (7.222.3) e de numerosas inscrições micrasiáticas ;

32 *σπένδοντεα*<sup>132</sup> (e não *απευδοντεο*), porquanto nos parece óbvia, em passo referente a uma cerimónia ritual (cf. *A* 314 *και εκ άλα λύματ εβαλον*, que o verso de Hipónax é chamado a ilustrar), a necessidade do verbo designativo da ideia de ‘derramar’, postulada também pela explicação de Tzetzes que introduz o fragmento: *δΙετην δάΧαϑαν το απολου" τήριον ὕδωρ εχ ε ο ν* ;

33 *μυδόντα*<sup>133</sup> (e não *μαδόντα*), que, associado ou não a *εαπρόν* (no texto : *μυδόντα δη και canqòn*), é o termo próprio para exprimir a corrupção de um cadáver (cf. Dion de Prusa, *Or.* 5.27.83 *νεκρόν εαπρον ήδη και μυδόντα*; Filon, *De mundo* cit. *Thes. ling. Gr.* [s.u. *μυδάω*] *ου μυδάα και αήπονται* etc.), ao passo que *μαδάω* (cf. *μαδαρόο*) se refere, em especial, à queda dos cabelos;

46 *εμβαβάξαντεα*<sup>134</sup> (e não *εμβιβάξαντεε*), uma vez que a forma transmitida carece de abonação e clara estrutura, e a *εμβαβάξαντεε* (cf. *βαβράζω* Anânio, fr. 5.6 D.-B.; *βάβαξ* Arquíloco, fr. 222 L.-B., Licófron 472; *βαβάκτηε* Cratino, fr. 321 Kock) convém perfeitamente a glosa ‘*έμβοή^ντεέ*’ do *Etymologicum Magnum* e de Zonaras ;

75.9 *δ'εε Ιππόνακτοε*<sup>135</sup> (e não *δέ εΙμώνακτοε*), já que um hipotético \* *εΙμωναζ* só deste lugar seria conhecido, e Hipónax intervém, quase de certeza (cf. o v. 12), como personagem, no iambo a que pertence este fragmento.

<sup>131</sup> Correccção de MASSON, a partir da glosa hesiquiana emendada por LATTE (o qual adoptava, por seu turno, uma emenda inédita de WACKERNAGEL).

<sup>132</sup> proposta de MAAS, «qui uersum ad pharmacum reuocat» (BEUTLER).

<sup>133</sup> Correccção de ESTIENNE aprovada por HEMSTERHUYS, MEINEKE, DIEHL, KNOX e ADRADOS.

<sup>134</sup> Emenda de SCHNEIDER, aplaudida por LATTE.

<sup>135</sup> Correccção de LEHRS, aprovada por MASSON e ADRADOS.

**Problemas de grafia** A mutilação extrema dos papiros de Oxirrincos reduziu a bem pouco o subsídio que deles poderia esperar-se para a solução de alguns problemas, ainda em suspenso, da grafia dos *Ἰαμβοὶ* hiponacteus. É lícito emendar vários erros e incongruências imotivadas da última edição da *Anthologia Lyrica Graeca* (1952): mas, em boa parte dos casos, há que contentar-se com aceitar a lição, discutível embora, dos códices.

Não entendemos a razão por que Diehl-Beutler escrevem *ἀν ακραα* (cf. fr. 32) e *την βακτηρία* (cf. fr. 44), que são aticismos manifestos da tradição manuscrita, quando não tiveram dúvidas, por exemplo, em aceitar a correcção de *λίαν* em *λίην* (fr. 2.1) e *απαρτίαν* em *ἀπαρτίην* (fr. 112; cf. também *Μαίγυς*, fr. 9, *Ἐπιήϵ*, fr. 41, e *αγρήϵ*, fr. 97.9, que nalguns códices aparecem grafados *Μαίιας*, *Ἐπίαϵ*, *ἀγρίαϵ*). Bem andou Adrados, neste caso, em proceder à normalização.

Há que admitir no texto de Hipónax — como, por exemplo, no de Anacreonte — a presença, explicável por condições fonéticas peculiares dos respectivos dialectos ou pela influência poderosa da dicção homérica, de algumas formas «abertas».

Assim, *μνέαϵ* (fr. 2.3; codd. *μναέ*) era a grafia legítima do iónico de Éfeso, pelo tempo de Hipónax<sup>136</sup>; e eremos que também se deverá escrever *ατταγέαϵ* (fr. 40.1; vulg. arrayãc), como propõe Knox, esteado na grafia *ατταπε* do códice A de Ateneu<sup>137</sup>. Carecem de autoridade os manuscritos de Eustátio em que se lê *μολοβρίτου* em vez de *μολοβρίτω* (fr. 133)<sup>138</sup>: nem outra forma seria de esperar, quando se conhecem em Hipónax *Ἀττάλεω* (fr. 36.2), *Γγγεω* (fr. 36.3) e *δε^ότεω* (fr. 12.1).

Mais embaraçoso é o caso de *δοκέει* (final de verso), que Fick emendou para *δοκεῖ* (fr. 24.1), e por conseguinte o de *κατακρα|τέεκ* (também final de verso), assim grafado por Lobel, enquanto Latte escreve *κατακρα|τεεϵ* (fr. 113.2). Homero tem nove exemplos de *δοκέει* (Z 90, 338, Ψ 470, a 376, ε 360, etc.), mas não ignora a forma *δοκεῖ* (β 33 e seis vezes na expressão *&c μοι δοκεῖ αριατα εἶναι*), e em fim de

<sup>136</sup> SCHWYZER, *Dialectorum Graecorum exempla epigraphica potiora*, Leipzig, 1923, n.º 707. Cf. também *ἡμεας* (fr. 80.15, pap.). O papiro de Herodas tem igualmente *μνέαϵ* (7.90).

<sup>137</sup> *Herodes, Cécidas* cit., p. 20.

<sup>138</sup> Em Arquíloco: *Γγγεω* 15.1 L.-B., *Λεπτινεω* 115.1, *Ανκάμβεω* 202, *μνκεω* 239.2, etc. Em Herodas: *Ἀκεζεω* 3.61, *Πόθεω* 1.76.

verso tem dezasseis exemplos de *-εῖ* (por exemplo, Γ 446 *αῖρει*) Semónid.es (7.108 D.-B.; cf. 6 *φορεῖ*) e Sólon (1.43 D.-B.; cf. 5.1 *ἀπαρκεῖ*) apresentam *δοκεῖ* em final de verso; na mesma posição, os códices de Arquíloco dão *επικρατεῖ* (tetrámetros) e *καθαιρει* (epodos), que Lasserre (frr. 122.1 e 235.2 respectivamente) emenda para *-τεεῖ* e *-ρέεῖ*, porquanto em 68.13 (fragmento de origem papirácea) temos realmente *φρονέεκ* (fim de verso); os de Teógnis, 169 *αἰνεῖ*, 492 *ερεῖ* (final de verso), 1270 e 1368 *φιλεῖ*; os de Anacreonte, 60.4 Gent, *δοκέει* (pap.), 78.2 *δοκέεκ*, 82.11 *φορεῖ* (final de verso), 97 *φιλεῖ*; o papiro de Herodas dá sempre *-σι(c)*, quer em final de verso (3.33 *ἡθεῖ*, 7.86 *ποιεῖ*), quer noutras posições (4.47 *αἰνεῖ*, 3.10 *αιτεῖ*, 5.30 *άλινδεῖ*, 5.2 *άρκεῖ*, 5.48 *έρεκ*, 5.56 *καλεῖ*). Nestas condições, e atento o facto de que Hipónax tem *αἰτεῖ* (fr. 45) e *οικει* (fr. 37.1), inclinamo-nos para a aceitação de *δοκεῖ*, *κατακρα/τεκ*.

Não está suficientemente justificada a correcção de *ενχρῖν* (fr. 58) em *ενκέψ* (Schneidewin, Knox): ao paralelo — discutível, por se tratar de um nome próprio, de forma incerta e de final aparente em *-αλεο-* (em que é de regra a não contracção) — com o topónimo *Αρχ^αλέη* t (fr. 141) poderia contrapor-se o exemplo de *ανκη* em Arquíloco (fr. 11.1 L.-B.)<sup>140</sup>. Também não parece aceitável a grafia *Τρηχέηε* (cf. fr. 37.2) d.e Knox: no feminino dos adjectivos em *-ye*, formas deste tipo não têm abonação entre os líricos e são raras em Homero<sup>141</sup> (que tem, por sinal, em ε 425 *τρηχειαν επ' ακτήν: Τρηχειήε... ακτηε* em Hipónax).

Estranhamos que Diehl-Beütler e Adrados escrevam, por um lado, conservando a lição dos códices, *φαγονα* (cf. fr. 118), por outro, corrigindo-o a, *φρονέονα* (cf. fr. 60; codd. *φρονονα*). Na realidade, como já observara Smÿth, *φαγονα* e *φρονονα* são grafias de um copista ático<sup>142</sup>; e é muito duvidoso que formas em *-έονα* — de que se citam apenas três exemplos em poetas de estirpe iónica: *δοκέονα* Focílides 11.1 D., *καλέονα* Xenófanes 2.5 D., *πνέονφ*) Teógnis 278 — tivessem cabimento neste caso. De resto, Arquíloco tem *φρονονα* (cfr. 116 L.-B.), Teógnis *φιλενα* 337, 871 (*πλοντονα* 315, 719, *τελονα* 142, *ζητονα* 684 ou são aticismos ou revelam a influência solónica), Anacreonte *παταγενα* 7.4 Gent., Herodas *ἀπαρκενα* 3.6, *εκβαλεῦα* 4.64,

<sup>139</sup> CHANTRAINE, *Grammaire homérique*, I, pp. 40-41.

<sup>140</sup> Não ocultaremos, todavia, que em Herodas se lê (2.19) *θ|ωρεψ*.

<sup>141</sup> Smÿth, *The sounds and inflections of the Greek dialects: Ionic*, pp. 197-199.

»42 *ob. cit.*, p. 539.

*κατοικενα* 4.10, *οίκενα* 2.94, *ποιεῖα* 6.69, *πορθενσι* 6.101, Calimaco, *Hymn.* 2.82 *ἀγινενα*. Adoptaremos, por isso, as formas *φαγενα*, *φρονενα*, que assim vêm a harmonizar-se, no resultado, com o tratamento *εο>εν* constante em Hipónax (:πλεννεῖ 64.11, *ρίγενε* 6.2, *ροῖζενντεῖ* 64.10, *τριήρενε* 34.2; *μεν* 115.1 é correcção de *μον* dos codd.).

A tendência, observada nos papiros de Hipónax, para representar o *l* por *δl* (assim *εβείνε[νν]* 80.16, *εμπείπτονca* 64.8, *κάνετειλήεδ* 75.6, *§δῖναc* 99.21) poderia suscitar alguma perplexidade no caso de uma palavra como *Δαῖκνκλείωι* (99.23), se a grafia dos melhores códices de Heródoto, Tucidides e Xenofonte, e ainda uma informação do lexicógrafo Estêvão Bizantino (s.u. *Δ^κνκλιον* .... *ενδαίμων δε και Ἀρκάδιόε* *διά rffc ει δίφθογγον γράφονα την λι ανλλαβήν*), nos não tranquilizassem sobre a genuinidade da escrita com *δl*. O mesmo se diga de *όμειζε* 47 (codd. -μη-, \*μΟ e de *Καβειρl* 74.11 (pap. -/?ξ-), em que nos ativemos à grafia de maior autoridade, adoptada nos léxicos (Liddell-Scott) e dicionários etimológicos mais recentes (Hofmann, Frisk). Em compensação, é *κροκνδιδό>ε*, e não *κροκνδεύλοε*, que deve ler-se no fr. 162, de tradição indirecta. Mais embaraçoso, pela aporia métrica que levanta, o caso de *ταμείωι* 43. Os códices dão *μιοι* [57c] e *ταμειοι*: Knox advogava *ταμίωι*, alegando que exemplos de coriambo inicial (*εν ταμίωι*) se encontram em Herodas (1.67, 3.7, 4.20). Mas Hesíquio, além de *ταμείον* (*τάμιον* Knox) e *ταμεία*, dá *ταμειών*, grafia que também adopta Estêvão Bizantino, com a abonação de Aristófanes (fr. 867) e de Cratino (fr. 448). Pensamos, visto isso, que, no fragmento de Hipónax, a grafia (*τα*)*μείωι* terá resultado da sugestão do (*χαμεν*)*νίωι* subsequente, e que se deve restabelecer a forma genuína *ταμείωι* (considerando *ταμειοι* uma variante de copista). De resto, exemplos de dáctilo inicial (*εν ταμείωι*) há, pelo menos, dois em Hipónax: 39.3 *δαιννμενοε* e 45 *ήμικτον*.

O problema das «aspiradas» em Hipónax não pode resolver-se com o simplismo de Fick e de Hoffmann, que liminarmente baniam todos os espíritos ásperos do texto do poeta. Está fora do nosso alcance a reconstituição da grafia de um iambógrafo do século vi antes de Cristo: tudo quanto podemos tentar, nalguns casos, é uma aproximação maior do texto da edição alexandrina. A prudência requer, por conseguinte, que se evite inovar em função da teoria ou uniformizar em nome de um duvidoso paralelismo. A tradição indirecta abona *άγει* 90.15, *καταβρνκων* 40.1, *κατενδοναηα* 65.7, *Ταργηλίοια* 99.49, *τοντέρων* 4.3; os papiros, *επιβρνκων* 99.15, *κ|ατειλ.]* 90.12, e *τοντέρωθlδν* 64.7:

— podemos emendar *καθεύδοντα* (cf. fr. \*180.1), mas não *ἀφέω* 59.1 (cf. *κάφω* 29.1?), *καθτᾶθα;* \*183.3, *ναοαχΘιαια* 35. *νφέλζων* 23.3, nem sequer *προέδέχονται* 30.1, como propunha Schneidewin. Se bem que se mostre incerto o exemplo dos papiros (επ' ήι 66.2; εἶρεθ<sup>9</sup> ο/ 80.5, ήλ/είμαθ'ή/ 76.3), escreveremos, a exemplo de Diehl-Beutler, Knox, Adrados e outros, *κόπόλλων* 13, *ώπόλλων* 61.1, *ταῖμάτια* 115, *επ αρμάτων* 68.5, *κοκκ αμαρτάνω* 116, <τ > *νποργάααι* 130: mas não *εννεπ* , *οπωα* (cf. fr. 121.3), porque é transparente, neste caso, como observaram Knox e Perrotta, a imitação homérica <sup>143</sup>.

Contra sete exemplos de -cc-, *ΟὰΧαααν* 32 e *daΧάααα* 98.7 — este último escrito, segundo parece, com o sad.e cário *IT*)<sup>144</sup> —, *κρεαααν* 117, *κνπααοκοκκων* 4.1, *Χίααομαι* 12.2, *π/ρ/ηεε* 97.5 *φαρμάκων* 40.2 (a que parece dever juntar-se *βρνααν* 65.8, correcção de Masson para *βρνττων* dos manuscritos) contam-se, em Hipónax, quatro de -ττ-: *άπταγέαε* 40.1, *ᾠΑττάλεω* 36.2, *αρρσραα* 40.3 e *μνττωτόν* 39.2. Ninguém pensaria em «normalizar» *ᾠΑττάληα*, que pertence, como *ᾠΑααΧοα*, ao onomástico egeu-anatólico <sup>145</sup> ; tão-pouco arrayãc, que tem provável origem onomatopeica<sup>146</sup> ; *άπτανίτηε*, cuja etimologia é obscura <sup>147</sup>, vem associada a *τηγανίτηε* (*ον τ/γανίταε ... ον<sup>5</sup> άπτανίταο*)\ a dúvida pendente unicamente sobre *μνττωτοε*, que apenas uma vez — em Hipócrates, *Loe. Hom.*, 47 — aparece nos textos escrito com -cc-: a correcção *μναωτόν* poderia, no entanto, abonar-se com o /<sup>α</sup>ceoroc de Calímaco (fr. 605 Pf.), se não parecesse intencional a aliteração *Οννναν τε και μνττωτόν* do verso de Hipónax (efeito semelhante em Aristófanes, *Eq.* 771 *επί ταντηά κατακνᾶθειή εν μνττωτόι μετά τνρον*) e se Anânio, em fragmento (5 D.-B.) imitado de Hipónax, não apresentasse também (v. 8) *μνττωτόι*. A prudência requer, em nosso entender, a conservação da forma com -rr-, que pode ser justificada, aliás, pela história, ainda desconhecida, da palavra.

<sup>143</sup> KNOX, *Herodes, Cércidas* cit., p. 60; PERROTTA, *II poeta degli epodi* cit., p. 31. Pela mesma razão, enfeitamos as «correcções» *κοκ* (cf. fr. 122) e *δκωα* (cf. fr. 121.3), que FICK, seguido por HOFFMANN, se permitiu fazer nos hexâmetros paródicos. É bem assim injustificada a «ionização» de *αμμοροε* (fr. 8.1) em *ημοροα* (FICK, HOFFMANN).

<sup>144</sup> LATTE, *De Hipponactis epodo*, pp. 46-47.

<sup>145</sup> NENCIONI, *Ipponatte nell'ambiente culturale e linguistico dell'Anatolia occidentale: I. La formazione dell'ambiente ionico*, pp. 101 e 144 n. 1.

<sup>146</sup> HOFFMANN, FRISK, S.U. arrayãc; e v. Eliano, *Nat. anim.* 4.42.

<sup>147</sup> ERNOUT, «Bull. Soc. Ling.», 30, p. 92 (cit. por FRISK, S.U. *αττανα*), considera *αττανα* palavra de origem etrusca.

Merecem uma anotação à parte as formas *xvccón* 64.16 e *μεαυ γνδορποχέπρ|c* 168. Da primeira letra de *xvccón* resta apenas, no papiro, um débil vestígio, compatível, no entanto, com a haste superior divergente de κ: mas é inegável que um *xvccoc* = *xvcóc* (cf. Hesíquio *HVCÓC* \* *ή πυγή. ή γυναικεϊόν αἰδοῖον*) viria inserir-se, com toda a propriedade, na «zona» indicada, em geografia burlesca, pelo verso anterior do fragmento a que pertence (15 *τον ΠυγέληCL*)<sup>148</sup>. Coppola declarou «arbitrária» esta equivalência, sugerida por Lavagnini<sup>149</sup>. Tal negativismo, porém, era injustificado: pode, contra a forma *κvcón*, levantar-se uma objecção, razoável, de leitura<sup>150</sup>, mas não contestar-se a legitimidade de um *κvcóc* concorrente com *κvcóc*. Só a raridade da atestação do vocábulo nos textos<sup>151</sup> — consequência natural do seu carácter obsceno — terá obstado a que ele se documentasse na forma *xvccóc*, postulada, aliás, pela etimologia provável da palavra — \* *κνOγoc*, \* *κνθcoc*, \* *κντυoc* ou \* *κντccc*<sup>152</sup> —, pelo seu derivado *κvcc-aporoc* ‘*πρωκ-roc*’<sup>153</sup>, e até pelo seu carácter «expressivo» (cf., para nomes de partes sexuais, *μνττόc*, *caβvτυc*, *vccaÇ*). Em vez de *μεαυγνδορποχέπρ|c* (-*χέπα* Knox) 168, Renner e Smyth propuseram *με^γγν-*: mas o débil confronto com Anânio 5.9 *μέ^ων* não basta para infirmar a grafia concordante dos manuscritos de Suetónio (*Περί βλ^φημιών* ap. *Mélanges* Miller, p. 425) e de Eustátio (1837.38); de resto, *με^ηγγ^* é, nos poe-

<sup>148</sup> Além disso, no mesmo verso em que vem *xvccón*, lê-se *|αρομο|*, que parece lícito integrar em *π|άρομοι|* ‘*γέτοvec*’ (segundo a glosa *νάρο^oc* de Hesíquio) e entender na acepção de ‘*τα δύο αἰδοῖες*’ (Hesíquio, s.u. *γίτοvac* [sic]).

<sup>149</sup> LAVAGNINI, *Sul nuovo frammento dei giambi di Ipponatte* in *Da Mimnermo a Callimaco*, p. 64; COPPOLA, *Ancora il frammento ipponatteo di Firenze*, p. 88.

<sup>150</sup> Coppola, que foi o primeiro editor do papiro, observa ao publicá-lo (*Un nuovo frammento dei Giambi di Ipponatte*, p. 503): «la prima lettera visibile non è certo sia Κ» (mas transcrevia *|xvccov*); e depois nos *Papiri greci e latini* (p. 136): «può essere ..|xvccov (non ..|et^ccov).» Diehl e Adrados dão *|xvccón*; Lobel, reproduzindo o texto diplomático dos *Papiri*, *|. vccov*.

<sup>151</sup> Apenas conhecemos as abonações de Herodas, 2.44 e 8.4, colíamb. adesp. 6.1 (nestes exemplos *xvcóc* vale ‘*πρωκτόc*’, e não ‘*^vctíc*’, como dizem LIDDELL-SCOTT) e Calimaco, *Iamb.* I, fr. 191.98 Pf. (o texto está mutilado, mas o editor remete para o colíamb. adesp. 6.1). Significativo, sem dúvida, que se trate de exemplos extraídos de colíambógrafos, dois dos quais imitadores de Hipónax. Em composição (um exemplo no Eféσιο: *xvc|oxήνψ* 78.2), *κικο-* emprega-se igualmente no sentido de ‘*πρωκτοί, πυγή|*’

<sup>152</sup> BOISACQ, FRISK, s.u. \**WCÓOC*; HOFMANN indica apenas \* *κνθγοc*.

<sup>153</sup> CHANTRAINE, *Formation des noms en grec ancien*, p. 226.

mas homéricos, mais insistente que  $\mu\epsilon\lambda\gamma\nu\epsilon$ , e Hipónax buscaria decerto, na veste herói-cômica da forma, um suplemento de ênfase burlesca para o seu composto.

Os manuscritos revelam algumas incertezas de grafia no emprego de outras geminadas:  $\acute{\alpha}\rho\iota\chi\acute{\omega}\mu\alpha\iota$  — em vez de  $\acute{\alpha}\rho\rho\iota\chi\acute{\omega}\mu\alpha\iota$  147 —, que figura em códices do *Etym. Magn.* 99.24-25 (s.u.  $\acute{\alpha}\nu\alpha\rrho\iota\chi\acute{\theta}\alpha\iota$ ), explica-se muito provavelmente pela tentativa etimológica arriscada nas linhas anteriores do artigo (de \*  $\acute{\alpha}\rho\alpha\chi\nu\acute{\iota}\omega$ , sem dúvida ‘marinhar como a aranha’...)<sup>154</sup>;  $\kappa\nu\lambda\eta\beta\acute{\iota}\nu$  ‘ $\kappa\omicron\lambda\omicron\beta\acute{\omicron}\nu$  (-βήνI)’ 164 aparece nos manuscritos d.e Hesíquio grafado  $\kappa\upsilon\lambda\lambda\acute{\eta}\beta\eta\nu$ , mas a presença, no mesmo lexicógrafo, d.a glosa  $\kappa\nu\lambda\eta\beta\kappa$  “ $\kappa\omicron\lambda\omicron\beta\acute{\eta}$ — e a certeza, acrescentemos, de que Hipónax tem exemplos  $d\eta \nu<\omicron$  ( $\kappa\rho\kappa\kappa\nu\delta\iota\omicron\epsilon$  162,  $\rho\nu\phi\epsilon\acute{\iota}\nu$  172) — permitem fazer com segurança a correção<sup>155</sup>;  $\mu\alpha\rho\acute{\iota}\lambda\eta$  42.1, 71.1, 74.9 vem, nos códices de Tzetzes e em alguns de Erotiano, escrita com  $-\lambda\lambda$  grafia que não surpreende quem conheça a hesitação dos copistas no tocante ao sufixo (ou simples final)  $^*i\lambda\omicron-$ , e que fora rejeitada pelos editores de Hipónax antes mesmo de se conhecerem os dois exemplos (ambos com a singela) dos papiros de Oxirrincos; o antropónimo  $\text{Μντάλωι}$  36.4 está certamente aparentado com a glosa  $\mu\nu\tau\tau\acute{\alpha}\lambda\nu\tau\alpha/\mu\epsilon\gamma\acute{\alpha}\lambda\omicron\nu$  de Hesíquio, embora seja insegura a transcrição da forma anatólica — *Mutalli*, *Muttalu*<sup>em</sup> — de que procedem;  $\acute{\alpha}\acute{\alpha}\kappa\kappa\omicron\varsigma$  51 tem, nos manuscritos de Pólux, a escrita  $\acute{\alpha}\acute{\alpha}\kappa\kappa\omicron\varsigma$  — mas os editores (à exceção de Diehl-Beutler e Adrados) restabeleceram a geminada, pois  $ca\acute{\wedge}\omicron\varsigma$  é, por quanto sabemos, a grafia usual da palavra em todos os dialectos gregos, à exceção do ático<sup>157</sup>.

Tão regular é o emprego, em Hipónax, das finais em  $-oca$  —  $\acute{\alpha}\lambda\lambda\acute{\eta}\text{-}\lambda\omicron\kappa\acute{\iota}$  46,  $\gamma\nu\acute{\alpha}\theta\omicron\iota\alpha$  129.2,  $\delta\iota\omicron\zeta\acute{\iota}\omicron\iota\alpha$  64.5,  $\delta\nu\omicron\acute{\iota}\alpha$  64.6,  $\epsilon\rho\gamma\omicron\iota\alpha$  80.20,  $\theta\epsilon\omicron\acute{\iota}\epsilon\langle i\rangle$  65.7 (correção exigido pelo metro),  $\kappa\alpha\kappa\omicron\acute{\iota}\alpha$  7.1,  $\kappa\eta\rho\acute{\iota}\omicron\iota\alpha$  40.3,  $\acute{\alpha}\Upsilon\lambda\acute{\alpha}\mu\omicron\iota\alpha$  40.2,  $\epsilon\pi\lambda\acute{\alpha}\gamma\chi\nu\omicron\iota\alpha$  97.9,  $\text{Ταργηλίαια}$  99.49,  $\tau\omicron\nu\tau\omicron\iota\alpha\iota$  23.1,  $\tau\rho\iota\omicron\iota\alpha$  75.17 — que, em presença de vogal, somos levados a escrever  $\omicron\iota^*c$   $\acute{\alpha}\kappa\iota\rho\acute{\alpha}\phi\omicron\iota\acute{\epsilon}$   $\acute{\alpha}\tau\iota\tau\acute{\alpha}\lambda\lambda\epsilon\kappa$  123 (cf.  $\epsilon\pi\prime$   $\acute{\omicron}\rho\kappa\acute{\iota}\omicron\kappa$   $\epsilon\beta\eta$  \*181.13). Tenhamos consciência, porém, de que neste exemplo, extraído de um hexâme-

<sup>154</sup> Herodiano, *Περί ὀρθογρ.*, 2.4 7 5.27-28, dá, para Hipónax,  $\acute{\alpha}\rho\rho\iota\chi\acute{\omega}\mu\alpha\iota$ . Hesíquio escreve  $\acute{\alpha}\rho\rho\iota\chi\acute{\theta}\alpha\iota$  e  $\acute{\alpha}\nu\alpha\rrho\iota\chi\acute{\theta}\alpha\iota$ , Frinico s.u.  $\acute{\alpha}\nu\alpha\rrho\iota\chi\acute{\theta}\alpha\iota$  declara  $\omicron\iota$   $\delta\acute{\epsilon}$   $\delta\acute{\upsilon}\omicron$   $\rho\rho$   $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\omicron\nu\tau\epsilon\acute{\epsilon}$   $\acute{\alpha}\mu\alpha\rho\tau\acute{\alpha}\nu\omicron\nu\alpha$  — mas a esmagadora maioria dos códices (v. o artigo  $\acute{\alpha}\nu\alpha\rrho\iota\chi\acute{\omega}\mu\alpha\iota$  do *Thesaurus*) emprega a geminada.

<sup>155</sup> Indicada por LATTE (carta de 25-2-1961), em resposta a uma nossa consulta.

<sup>156</sup> RAMSAY, *Asianic elements in Greek civilisation*, p. 154.

<sup>157</sup> *Thesaurus* e LIDDELL-SCOTT, S.U.; cf. MASSON, *Les «épodes de Strasbourg»*:

*Archiloque ou Hipponax?*, p. 23 n.

tro paródico, a grafia *cxcQáppoic* de Eustátio seria igualmente defensável<sup>158</sup>. O único exemplo de *-ote* em substantivos — *φαρμακο le* 30.2 — figura em um passo inseguro (Bergk, Knox e outros liam, de preferência, *φαρμακοί*): mas porque se encontra em fim de verso não representaria, por si só, uma dificuldade (cf., na mesma posição, em Arquíloco *κακοκ* 120.2 L.-B., em Anacreonte *καλοια* 33.10, *ὕμνοκ* 33.11 Gent., em Herodas *ἀνθρώποκ* 5.15, *Βρικινδῆροκ* 2.57, *ζείνοκ* 2.94, *ἄφην[ί]ακ[οκ]* 7.22, *ώμοι* c 8.31, em Fénix *κααγνήτοκ* 2.14). O poeta efésio admite, no entanto, a forma *role* do artigo: *joic διοζίοια* (fr. 64.5: consideramos quase certa a leitura τ do papiro); em *role εργοια* (cf. fr. 80.20), preferimos escrever τ *ole* | e, quanto a t *voie* t *γνάθοια* (fr. 129.2) da tradição (esperar-se-ia *τήις γνάθοια* ou *ροια γναθοῖα*), o texto está com certeza alterado.

É singular que, no mesmo epodo em que se lê *cvn τοί τι* (fr. 113.6), por duas vezes se encontre a forma *coi* : *λαιμαι δέ coi* (v. 3) e *ανΧrce1 δέ coi* (v. 13). A explicação desta duplicidade de formas (noutros lugares sempre τo: *δίδομί τοι* 2.3, *επενχομαί τοι* 3.2, *καί τοί γ' εἴωνον* 53) está, talvez, em uma preocupação estilística: em *λαιμαι δέ coi το Χδτάοc*, \**τοι* geraria um cacófato com o *το* precedente; em *ανλή^ι δέ coi/Κίκων το Κωδά[λον μέλοc]*, obstaria porventura ao efeito sugestivo que o autor pretende extrair da aproximação *cδ1 ... coi* (precisamente, neste caso, uma dissonância — como era, por certo, a «música» de Códalo!).

A constância com que o poeta emprega o aumento chamado «temporal» — *άπηναρκθη* 68.7, *ήλθον* 64.11, *ήλθε*, 122, *ήμφ^μένη* 19, *κατήραζε* 16.2, *κατηγλκθην* 18.2, *cννηλοί^ε* 64.4 (pap.) — torna improvável que, na fé de um único exemplo de omissão (*ενρε* 75.19), se deva escrever, como Brink, Schneidewin, Bergk e Knox, *cννοίκηcac* em vez de *cνν^cac* 15, e *οίκει* em vez *ώκει* 37.1. A primeira destas grafias ainda teria a abonação do códice Marciano, que está longe, todavia, de ser excelente (omite a interrogativa τί no início do fragmento, e escreve *βονπωλοι* por *Βονπάλοι*); a segunda é conjectura, infundamentada, de Brink e Schneidewin.

Mantemos, por ultimo, *Θρηϊκή* 120, e *Θρηϊκίων* 68.1, em vez das correcções *Θρεϊκή* e *Θρεϊκίων*, lançadas por Fick, e adoptadas por Knox e Perrotta, visto que naquelas formas, como em *ψοῖδαc* 42.1, a vogal longa em hiato (neste caso com outra longa: cf. Apol. Ród.

1.24) pode «naturalmente» funcionar como breve<sup>159</sup>; escrevemos *λαγώι* 40.1, e não *Χαγονς* (Meineke, Knox), pois é de crer que fosse aquele o êxito normal de um *Άγαρονς* conhecido do poeta (cf. 165 *λαγωόζι*)<sup>160</sup>; *δδμήν* 64.11, do códice de Tzetzes, em vez de *όαμήν* do papiro, embora seja de crer que o iónico de Hipónax conhecesse já a forma assimilada, que cedo deve ter suplantado a outra<sup>161</sup>, como nos mostra o exemplo de *ρωέμός*: em Arquíloco 117.7 L.-B. e Anacreonte 99 Gent.; e *ρωδιώι* 18.2, *ερωδιόν* 113.3, em vez das grafias secundárias *ρωιδιόι*, *ερωιδιον*, que Smyth considerava devidas a uma suposta conexão com *ρωιάζω*, e Solmsen, mais provavelmente, à influência dos substantivos em *-ΙΔΙΟC*<sup>162</sup>.

**Ordem** A arrumação dos fragmentos desta colectânea dos fragmentos obedece, em primeiro lugar, ao critério métrico que teria presidido, conforme vimos, à edição alexandrina dos *Ίαμβοι*. Do livro I fazem parte todos os fragmentos de colíambos, quer de tradição indirecta (1-61), quer revelados pelos últimos descobrimentos papirológicos (63-109); e duas glossas isoladas (110-111), transmitidas pelo lexicógrafo Pólux, que explicitamente as atribui ao livro I. Os fragmentos dos papiros, precedidos pelo fragmento (62) citado em uma glosa homérica do óstracon berlinense 12605, são apresentados pela ordem por que figuram nos *Oxyrrhinchus Papyri*, com excepção dos números 63 e 64, também oxirrinquitas, mas que, por serem conhecidos há mais tempo, através dos *Papiri greci e latini della Società Italiana*, se colocaram à frente dos restantes. No livro II, inserimos, na fê do mesmo Pólux, um trímetro recto (112) que deve ter pertencido a um epodo; dois fragmentos de epodos (113 e 114) descobertos no Comentário a Hipónax do Oxyrh. Pap. 2176; seis em tetrâmetros trocaicos

159 KOSTER, *Traité de métrique grecque*, p. 34 n. 2. No mesmo sentido se pronuncia DEL GRANDE em carta de 30-4-1961 dirigida ao autor deste trabalho.

160 BECHTEL, *Die griechischen Dialekte: III. Der ionische Dialekt*, pp. 144-145.

161 LEJEUNE, *Phonétique grecque*, pp. 65 e 66 nn. 3 e 4.

162 SMYTH, *ob. cit.*, p. 448; e SOLMSEN, *Untersuchungen zur griech. Laut- und Verslehre* (Strassburg, 1901), pp. 75 e segs. (cit. por FRISK, s.u. *ερωιδιόή*). No Oxyrh. Pap. 2176.3-5, 5, 10, lê-se *ερωδιός* e *ερωδιόν*; Herodiano tem (*ε*)*ρωιδιός* 1.116.22-25, 2.171.5-7, 2.511.27-28, mas *ρωδιόι* 2.924.15; o *Etym. Magn.* apresenta uma e outra forma; a corrupção *ρωδην* dos *Anecd. Oxon.* 1.440.4 supõe, de preferência, *ρωδιόν*.

escazontes (115-120); três em hexâmetros (121-123); um tetrâmetro iâmbico cataléctico (124); dois assinartetos, formados de reiziano mais enóplio (125-126); treze de metro inseguro ou texto incerto (127-139); e, por ordem alfabética, trinta e nove glossas de localização desconhecida (140-178: exceptua-se o número 152 *βλxoc*, que os *Anécdota Graeca* Bekker atribuem ao livro II). Na secção dos *dubia*, vêm, pela mesma ordem adoptada para os fragmentos genuínos, dois em colíambos (\*179-\*180); três de estrutura epódica (\*181-\*183)<sup>163</sup>, diferente porém da exemplificada no livro II (ali trímetro seguido de dímeter iâmbico, aqui trímetro iâmbico seguido de *hemiepes*); e um tetrâmetro trocaico escazonte (\*184).

Subsidiariamente, e sem a intenção de recompor os núcleos destracados das poesias, aproximámos, num e noutra livro, alguns dos fragmentos de tradição indirecta (difícil, e na maior parte dos casos impossível, seria tentar, para as relíquias dos papiros, igual operação). Assim, os primeiros treze fragmentos (a que poderia associar-se o número 125) contêm invocações ou imprecações aos deuses (Zeus, Pluto, Hermes, Ártemis, Apolo)<sup>164</sup> ou preliminares verosímeis dessas invocações (8, 11). Vêm depois, de 14 a 33, os fragmentos que explicitamente (15, 17, 18, 21, 23), ou com alguma probabilidade, se referem à gesta de Búpalo e Arete; os últimos oito deste grupo (26-33) indicam pormenores do suplicio dos *φαρμακοί*<sup>165</sup>, a que Hipónax teria votado os dois inimigos (Búpalo e Arete, mas decerto também Búpalo e Aténis). Os fragmentos que se sucedem do número 34 ao 61 não têm nem poderiam ter uma arrumação coerente: notar-se-á apenas que avizinhamos do fragmento «náutico» dirigido contra Mimnes (34) outro em que se descreve um trabalho de calafate (35)<sup>166</sup>; os frr. 36 e 37 irmanam-se na precisão das indicações topográficas, e o fr. 38, que dá uma informação de interesse histórico, não fica mal em sua companhia; 39, 40 e 41 antecipam as enumerações pantagruélicas da comédia antiga; 42 e 43 esboçam,

<sup>163</sup> O fr. \*182 está muito mutilado e quase delido.

<sup>164</sup> Pode duvidar-se, sempre que falte o nome do deus ou expressão hieronímica equivalente, se Hipónax está a dirigir-se à divindade ou a um mortal, «mais ao alcance de tiro». Mas a incerteza respeita, quase só, ao fr. 7 : nos outros casos, há elementos internos e externos que permitem, com muita probabilidade, referir a um nome a querimónia do poeta.

<sup>165</sup> No caso do fr. 33, a alusão ao suplicio é hipotética.

<sup>166</sup> Assim haviam já procedido BERGK e DIEHL.

na aparência, cenas de miséria; 44 a 48 reúnem despiques, arremessos, bravatas de populares (a que se ligam, pelo sentido, os fr. 128-130); 49 a 57 inserem-se também, com maior variedade, no mesmo mundo de troquilhas, ganhões, embusteiros, vendedores ou patrões de escravos; 58 apresenta a coruja «mensageira dos mortos»; 59 conteria, segundo Ateneu, uma referência mitológica; 60 dá um conselho de sobriedade; 61 exalta a sabedoria de Míson Queneu. No livro II, o fr. 113, que flagela a gula de Sanas, parece isolado <sup>167</sup>; e o mesmo se diga do fr. 114, alusivo, segundo Masson, à *εκφορά* do *φαρμακόζ* <sup>168</sup>; 115 e 116 introduzem a célebre *μάχη Βουπάλειοι* 121-123 são relíquias do poema paródico contra Arete <sup>169</sup>; e, à parte o caso, já mencionado, dos fr. 128-130, e uma referência insultuosa a Búpalo (fr. 132), não se vislumbram com clareza outras aproximações.

Se nos acusarem de perfilhar o sistema de aglutinamentos arbitrários adoptado em uma recente edição dos fragmentos de um grande lírico grego, responderemos que a esta arrumação, intencionalmente parcial, por assuntos, não damos outro valor que não seja o da comodidade para o comentário. A preocupação de deixar ao leitor a possibilidade de formar livremente o seu juízo levou-nos, até, a atribuir numeração independente a fragmentos que, embora separados nas fontes, os editores tendem, com verosimilhança, a apresentar fundidos com outros (assim 3, 4, 5 = 24 ab D.-B.; 9, 10 = 4 D.-B.; 39, 40 = 39 D.-B.; 115, 116 = 70 D.-B.)<sup>170</sup>.

**Aparato crítico** O aparato crítico desta edição compreende três secções: a primeira encerra as fontes ou testemunhos do fragmento; a segunda, as variantes úteis dos códices, emendas ou conjecturas dos editores ou de outros estudiosos, incertezas ou suplementos de leitura (no caso dos papiros); a terceira, enfim, as anotações de carácter linguístico e filológico. Pareceu vantajoso,

<sup>167</sup> Se bem que, no Comentário a Hipónax (2176.6), se entrevejam referências à mesma personagem (LATTE, *De Hipponactis epodo*, p. 45 η. 1).

<sup>168</sup> *Sur un papyrus contenant des fragments d'Hipponax*, pp. 318-319.

<sup>169</sup> MEDEIROS, *O milhafre, a garça* cit., pp. 142-144.

<sup>170</sup> Sem falar já dos fr. 26-31, em que dificilmente haverá dois passos seguidos, mas que certos editores (SCHNEIDEWIN, MEINEKE) procuraram unir em maior ou menor extensão.

para alguns fragmentos, abrir, entre as variantes e o comentário, uma quarta secção, em que se arrumaram os escólios.

Em obediência a um critério irrecusável em matéria de fragmentos, mas a que alguns editores se têm esquivado por mal entendida simplificação, os testemunhos são transcritos, por vezes extensamente, na parte que possa iluminar o texto — e não apenas reduzidos a uma menção bibliográfica seca e pouco instrutiva. Quando para um fragmento exista mais do que um testemunho, a ordem seguida é a da importância da citação: vem primeiro o autor ou a obra que dê o texto mais completo; só em igualdade de circunstâncias prevalece, na medida do possível, a seriação cronológica. Sempre que o aparato de variantes assim o exija, os testemunhos múltiplos são precedidos de numeração parentética, em algarismos romanos. As citações textuais que figuram nesta secção vêm isoladas entre vírgulas ao alto, e geralmente providas, quando não sejam de Hipónax (caso em que, de resto, se apresentam abreviadas), da referência à obra a que pertencem.

O aparato das variantes é, com raras excepções, de tipo negativo. Certas divergências gráficas, quando insignificativas ou de óbvia correcção, não foram mencionadas. Recordam-se, com intenção clarificadora, algumas conjecturas e emendas abandonadas que ainda tiveram cabimento em edições recentes.

A última secção do aparato reúne subsídios para a interpretação linguística e apreciação filológica do fragmento: indicações bibliográficas sobre problemas de atribuição, estudos literários ou investigações vocabulares, glosas de Hesíquio ou de outros lexicógrafos: anotações de métrica, de dialecto, de estilo; imitações ou reminiscências em Hipónax, imitações ou reminiscências de Hipónax nos seus epígonos.

O carácter hipotético ou provisório de muitas explicações — penderes da recondução dos fragmentos ao todo poético em que se integravam ou da reconstrução menos lacunosa das composições de que faziam parte —, a necessidade de dispor de maior largueza para as observações de carácter estilístico e literário, a vantagem metódica de referir, por vezes, sem desproporcionada sobrecarga do aparato latino, algumas questões de crítica textual — levaram-nos ainda a criar, na base da tradução, um comentário suplementar em português que substitui, em bloco mais orgânico, as repetidas anotações que de outro modo teríamos de fazer no rodapé da página.

Observações sobre a tradução

«Num tempo em que a poesia iónica — escreve Fraccaroli <sup>171</sup> — tendia a exaurir-se cada vez mais em fórmulas contrafeitas e cediças, a trivialidade desabrida e petulante de Hipónax devia ter um grande sabor — de sinceridade e de frescura. E por isso mesmo é intraduzível. Se se muda o som das palavras, se se substitui esta mais obscura por aquela mais conhecida, se se arredonda um pouco a sintaxe — todo o valor se perdeu. Não é, de facto, a correspondência material que importa manter, mas a correspondência d.o espírito: uma dureza de contorno, um exagero ou uma atenuação de colorido fazem perder todo o efeito.»

A conclusão, embora excessiva, tem muito de verdadeiro. São grandes as dificuldades do tradutor de Hipónax, e maiores ainda se pretender reproduzir a «fractura» estilística que resulta, em muitos fragmentos, da mescla de vocábulos altiloquentes e vulgares: a apreendida dissonância final do escazonte (ou pior do isquiorrótico) é um indício apenas, externo e discutível <sup>172</sup>, de uma dissonância mais profunda, estabelecida entre as palavras de um mesmo trecho ou criada pela desproporção entre o seu emprego e a insignificância ou grandeza do tema desenvolvido. Outro embaraço, e não pequeno, reside na crueza essencial de muitos versos e situações — extremo o caso do fr. 64—, na intemperança de alguns insultos, na ambiguidade de várias expressões susceptíveis de ligação com o mundo erótico : só enfeitando o vestalismo das traduções *ad usum Delphini* se pode tentar a abordagem desta arte inimiga da opacidade documental. Outro problema, ainda, está no processo de sugerir, sem demasiada estridência, os peregrinismos asiânicos ocorrentes no texto: como eles se apresentam exteriormente grecizados, contentar-nos-emos em traduzi-los, conforme as circunstâncias, por palavras d.o fundo não-latino, de preferência oriental, ou por expressões de tipo familiar ou mesmo plebeu. Mas o obstáculo maior a uma recta equivalência provém do estado em que o texto chegou até

<sup>171</sup> *I lirici greci (elegia e giambo)*, p. 153.

<sup>172</sup> «Importa evitar — adverte PONTANI (*Letteratura greca*, I, p. 177) — a insídia oculta em todas as afirmações de um *ethos* dos metros: bastará recordar que o metro predilecto de Hipónax serviu depois a Catulo, por exemplo, para descrever o jubiloso regresso à calma de Sirmio e para reevocar, em tom de sonho e amargura, o tempo da fábula de amor (*Fulsere quondam*).»

nós: a tradução de três versos, amputados do contexto, pode ser inadequada; problemática, a de dois; a de um, incerta; a versão de glossas isoladas tem um valor meramente indicativo. Ora sucede, no caso de Hipónax, que das setecentas e sessenta e tantas palavras que dele se conhecem, cerca de um décimo — setenta e uma, pelo menos — constituem hápax<sup>173</sup>: descontando meia dezena de nomes próprios, e três dezenas de nomes comuns satisfatòriamente esclarecidos, ainda fica matéria com que avolumar a tarefa, já ingrata, do tradutor.

173 Sessenta e cinco de forma e de sentido : *ἄβῆρις* 140, *ἀλφριτεύω* 38.2, *ἀvacetεί-(ρα)Ἄχος* 144, *ἀvacvQTÓXic* 145, *ἀρειώ* 48, *ἀακερίακα* 4.2, *αττανίτηα* 40.3, *αύχενοπλήζ* 97.6, *βαίαγικόροε* 149, *βεβροε* 12.1, *βορβορόπκ* 146, *γαατρήη* 113.9, *γρόμφκ* 98.11, *οιάίφαγμα* 20, *διόζιοι* 64.5, *διοπλήζ* 14.1, *εγγα^ριμάχαα* 121.2, *εμβαβάζω* 46, *ἐπτάβονλοε* 156, *ἐπτάφυλλοε* 99.48, *Εύρωμεδοντιάδη* c 121.1, *ήμικυρον* 110, *καννητοποιός* 159, *κατωμόχανοε* 34.1, *καύηε* 8.1, *κκλητηηα* 75.15, *κιμαίοε* 74.14, *κονκκε* 12.1, *κόρσιππιοε* 73.7. *κριγή* 59, *κυληβία* 164, *Κονάγχη* c 10.1, *κυπα^κκον* 4.1, *κυλοισήνη* 78.2, *λαχάινω* 99.14, *λοφορρόζ* 99.39, *μεεα^γυδορποχέετηε* 168, *Μηιοι* *εγί* 10.1, *μητροκοίτη* c 23 2. *μολοβρίτηα* 133, *Μυτάλιδι* 36.4, *νηγίατον* 170, *νικίρταε* 34.5, *οφέλλω* 75.19, *οφέλμα* 75.20, *πανδάλητοε* 8.1, *παρακνημοῦμαι* 90.9, *παραψιδάζω* 64.9, *πααπαληφάγιοα* 98.11, *παῦνι* 75.16, *ποντοχάρυβδκ* 121.1, *πυγεών* 64.2, *πυγκτί* 64.2, *εαρμοθε* 173, *ίκαπαρδεύω* 10.2, *έκίραφοε* 123, *ταραζίπονε* 99.46, *τροπήιον* 51, *Τεῦτοε* 36.4, *ύποδεγώ* 74.16, *ύποργάζω* 130, *φορμίον* 177, *χειρόχολοε* 178, *χροαολάμπετοα* 15.1, *χυθροπόδιον* 111. Seis apenas de sentido: *^vccoc* *^γυναικεῖον αἰδοῖον* 65.8, *Θυμοε* *^αρρεν αἰδοῖον* 31.1, *Κανδαύλη* c *^Κονάγχηε* 10.1, *μυ λιέτήριον* *^μαατροποῦ νόμκμα* 167, *μυ λακ ρ ic* *^έπιμυλίζ* 169, *Τ ε αρ ο ε* *^ευκοφάντηζ και τα όμοια* 36.1 (Hesíquio). Duvidosos os casos de *^Αγγ^αλέη* 141, *^\*)* *^άβωνι* 34.5, *^\*j* *^ααρκοκύων* 138; *^Ιοελλή* (?) 99.34; *^άγει* 90.18, *^άφήι* 29.1. Prescindimos aqui, como é natural, de variantes com interesse predominantemente fonético: *^άλίαα* (= *αλιέ*) 142, *^θεετκ* (= *τε10^ic*) 158, *^κροκιδιλοε* 162, *^κνααόα* (inseguro) 64.16, *^τετρακίνη* (= *θριδακίνη*) 175. Mas convém recordar que, além dos hápax, ocorrem nos *Iambos* palavras ou sentidos abonados exclusivamente por Hipónax (*^Κυψώ* 73.1, 122, *^Μαιαόενε* 3.1, 75.14, *^ακότοο*. *^πανούργιοε* 75.18, \*184) e muitos termos com raríssima exemplificação em textos literários.